

FABRÍCIO ROGER DE SOUZA LOPES

MISSÃO INTEGRAL
UMA PERSPECTIVA TEOLÓGICA DA PRÁTICA DO
EVANGELHO NA VIDA DAS IGREJAS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Bacharel em Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Ribeiro.



São Bernardo do Campo — Novembro de 2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

A Banca Examinadora considera o trabalho:

E atribui o conceito: _____

Cláudio de Oliveira Ribeiro
Orientador

José Carlos de Souza
Leitor

Prof. Dr. Luiz Carlos Ramos
(Professor da Disciplina TCC)

LOPES, Fabricio Roger de Souza. *Missão Integral: uma perspectiva teológica da prática do evangelho na vida das igrejas*. São Bernardo do Campo, 2007. 72 f. TCC (Bacharel em Teologia) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

SINOPSE

Esta pesquisa apresenta de forma simplificada uma proposta de evangelho integral, que anuncie Jesus Cristo como Senhor, que nos chama a servir e testemunhar sua vida e como Salvador que morreu por nossos pecados para nos dar vida eterna, vivendo a proclamação de Jesus Cristo que cura, liberta, transforma e salva o ser humano e a sociedade, na vida pessoal e social. A missão integral é apresentada como uma proposta teológica atual de prática para as igrejas, destacando o surgimento da missão integral na história, seu desenvolvimento, a partir dos congressos e movimentos que marcam o início da teologia evangelical, como o Pacto de Lausanne e os Clade's fornecendo uma visão panorâmica dos acontecimentos no decorrer da história e na formação teológica dentro das igrejas, com o seu pensamento e prática evangelizadora integral. Outro destaque da pesquisa é o pensamento antropológico e a visão de mundo da missão integral, fornecendo base para entender a proposta de salvação integral na vida pessoal e social do ser humano. A pesquisa descreve também o compromisso e responsabilidade de confessar que Jesus Cristo é nosso Senhor e Salvador, o que mostra como Jesus Cristo é entendido nesta teologia e ainda sua importância para a missão da igreja, anunciando, praticando e vivendo Cristo no mundo. Para finalizar, a pesquisa evidencia a possibilidade de prática das igrejas, sendo a sociedade secular campo para a eclesiologia da missão, enfrentando os desafios da sociedade, respondendo suas buscas e necessidades através do testemunho, do anúncio e prática bíblica, com uma eclesiologia evangelizadora, um modelo de ministério integral com exemplo na vida de Jesus e um estilo de vida cristã que busca encarar a missão de maneira integral como Jesus Cristo encarou.

Palavras-chave: teologia – missão – integral — evangelização – prática – ser humano – igreja – sociedade – salvação – cristologia – eclesiologia — serviço – testemunho.

AGRADECIMENTOS

AO DEUS TODO PODEROSO, pelo chamado, cuidado, confirmação da minha vocação, cumprimento de teus propósitos em minha vida e pela benção de me conceder o privilégio de ser Pai...

A minha AMADA e LINDA ESPOSA KELLY LETÍCIA, que esteve comigo em todos os momentos, me ajudando e dando forças para vencer todas as dificuldades que vivemos durante este período de estudos. Além, de manifestar seu amor gerando nosso primeiro bebê...TE AMO MUITO!!!

A meu filho Fabrício Junior, que mesmo longe, me traz muita felicidade...

A meus Pais, Waldemir e Ruth, pelo carinho, educação e amor dedicados a mim durante toda minha vida. Amo muito vocês...

Aos meus irmãos Vinícius e Tayane, que fazem parte de minha vida e do meu chamado... Amo vocês!!!

Aos meus avós (em memória) Alcina, José e Nelsina que me deram muito carinho e amor durante suas vidas.

A toda minha família paterna e materna que contribuíram para minha educação e criação.

A minha sogra Mariza, meus cunhados Arnaldo, Lucas, Viviam e meus sobrinhos Gabriella e Arthur que fazem parte de minha família.

A avó Nair que tive o privilégio de receber através do meu casamento. Obrigado pelas orações.

Aos meus amigos Janilson Palhano e Janilson Junior que foram importantíssimos em minha vida profissional e de estudos em São Paulo.

Aos membros da comunidade metodista da sala dos formandos 2007 "Se creres, verás a Glória de Deus" Marcelo Arruda, Paulo Amendola e Emerson José, que são meus amigos nessa caminhada. Lembrem-se só Jesus Salva!!!

A todos os irmãos da Igreja Metodista em Vila Nova por ter reconhecido o meu chamado.

A todos os irmãos da Igreja Metodista em Santo André que confirmaram meu chamado.

Ao pastor Luis Carlos Lima pelos ensinamentos no período de estagio eclesiástico.

Ao meu professor e tutor Tércio Siqueira que me ajudou nestes anos de estudos.

Aos professores Cláudio Ribeiro e Magali Cunha que me orientaram nos estudos.

Ao professor José Carlos pela leitura do TCC.

Ao amigo e pastor Daniel Silveira por suas orientações e ajuda.

Aos meus amigos em Barra Mansa que estiveram orando durante este período A todos meus amigos de classe no período noturno que me agüentaram desde o segundo ano.

A todos meus amigos da faculdade da classe matutina que estiveram comigo no primeiro ano.

A todos os professores da faculdade de teologia, obrigado por tudo.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 O despertar da missão Integral	10
1. Eventos e aspectos que originaram o Movimento Evangelical	10
1.1 Antecedentes Históricos	10
1.2 O Pacto de Lausanne	14
1.3 Os Congressos Latino-Americanos de Evangelização (CLADE's)	16
2. Missão Integral na Igreja	20
Capítulo 2 Missão Integral (Uma perspectiva Salvífica)	24
1. Conhecendo a Condição Humana	24
1.1 O ser humano e sua dignidade	25
1.2 O ser humano e sua depravação	26
2. Conhecendo o Mundo	29
3. A Salvação Integral	31
Capítulo 3 Missão Integral (Uma perspectiva cristológica)	35
1. Conhecendo Jesus	35
1.1 Jesus Cristo é Senhor	37
1.2 Jesus é Salvador	41
1.3 Jesus é nosso	42
2. Cristologia e Missão	44
capítulo 4 Missão Integral (Uma perspectiva Eclesiológica)	47
1. A Sociedade secular	47
2. Os desafios eclesiológicos	50
3. A eclesiologia evangelizadora da missão integral	52
3.1 – A Teologia da Igreja	52
3.2 – As Estruturas da Igreja	54
3.3 – A mensagem da Igreja	55
3.4 – A Vida da Igreja	55
4. Modelo de Ministério Integral	56

5. Crescimento Integral _____	61
Conclusão _____	66
Referências _____	70

INTRODUÇÃO

Em busca de uma teologia compromissada com a evangelização e a ação social, que integrasse uma forte espiritualidade religiosa com um forte trabalho social, tendo uma visão holística do ser humano, testemunhando Jesus como Senhor e Salvador, com um evangelho encarnado na vida das pessoas e na sociedade, anunciando o evangelho com todo o seu carisma e amor, comecei a pesquisar uma teologia nestes parâmetros, que apresentasse uma perspectiva prática de evangelização. Por isso, *nesta monografia* apresentarei a *Teologia da Missão Integral* ou *Teologia Evangelical*, a partir de algumas de suas perspectivas básicas, buscando uma perspectiva prática para a vida da igreja.

Nesta busca, a monografia procura trabalhar o primeiro capítulo com o despertar da missão integral, tentando evidenciar os eventos que originaram o movimento *evangelical* com seus antecedentes históricos, a partir dos congressos mundiais e as instituições que se formaram, com destaque para o Pacto de Lausanne e os CLADE's. O capítulo também busca através do tema missão integral na igreja, elucidar de forma sucinta o pensar teológico do movimento *evangelical* na igreja.

O segundo capítulo procura apresentar a missão integral em uma perspectiva salvífica, tentando trabalhar uma visão antropológica do mundo e da condição humana. Para isso, busca destacar os temas, o ser humano e sua dignidade e o ser humano e sua depravação e como a missão integral entende o mundo. Em seguida o capítulo tenta apresentar uma possibilidade de alcançar o ser humano e a sociedade, com o tema a salvação integral, destacando o anúncio do evangelho e o testemunho de amor em Jesus Cristo como forma de salvar o mundo e a humanidade em sua integralidade.

O terceiro capítulo procura apresentar a missão integral em perspectiva cristológica, procurando destacar como a missão integral entende Jesus e o compromisso que existe na confissão e reconhecimento de que Jesus Cristo é nosso Senhor e Salvador, buscando ainda apresentar uma Cristologia missionária que tenta despertar a igreja para a missão com foco em Cristo, na encarnação, na cruz, na ressurreição, na exaltação, no dom de seu Espírito e na parusia, tendo Jesus como inspiração para manifestar a vontade de Deus, anunciando, praticando e vivendo Cristo no mundo.

O quarto e último capítulo procura apresentar a missão integral em perspectiva eclesiológica, com destaque para a sociedade secular como campo para uma eclesiologia integral, bem como os desafios desta eclesiologia na atualidade e sua proposta evangelizadora para a igreja. O capítulo procura apresentar também um modelo de ministério integral em Jesus Cristo para a prática no dia a dia do cristão e ainda busca destacar uma possibilidade de crescimento integral para a igreja nas dimensões numérica, orgânica, conceitual e diaconal, com foco na evangelização e serviço, adoração e missão, testemunho e amor, anunciando o evangelho e todo o seu carisma que manifesta o Reino de Deus e sua Justiça.

Nestes termos, a monografia termina buscando evidenciar de forma sucinta a teologia da missão integral como proposta atual de prática das igrejas evangélicas na América Latina, procurando ser uma forma de manifestar o Reino de Deus agora, na esperança da volta de Cristo.

CAPÍTULO 1

O DESPERTAR DA MISSÃO INTEGRAL

O objetivo deste capítulo é fornecer uma visão panorâmica dos acontecimentos que marcaram o despertar da missão integral no decorrer da história e na formação teológica dentro das igrejas com o seu pensamento e prática evangelizadora de forma integral.

Em primeiro lugar, apresentaremos uma síntese dos eventos e aspectos que originam o movimento evangelical, destacando os antecedentes históricos, o pacto de Lausanne e os Congressos Latino-americanos de Evangelização (CLADE's). Em segundo lugar, apresentaremos a missão integral da igreja, destacando de forma sucinta o pensar teológico manifesto na igreja.

1. Eventos e aspectos que originaram o Movimento Evangelical

1.1 Antecedentes Históricos¹

O século XX foi marcado pelo debate da igreja em torno da relação entre, evangelização e civilização, ou seja, evangelismo e responsabilidade social, contexto onde diferentes autores

¹ A pesquisa dos fatos históricos, datas e interpretação foram retiradas do site da Faculdade Latino-Americana de Teologia Integral - www.faculdadelatinoamericana.com.br e o site da Fraternidade Teológica Latino-americana – www.ftl.org.br, em 2004.

procuraram expressar a missão da igreja em termos de desenvolvimento, presença cristã na sociedade, diálogo inter-religioso, justiça e paz, diaconia e outros conceitos.

Estas reflexões desencadearam diversas conferências, entre elas, destacamos a célebre Conferência Missionária Mundial, realizada em Edimburgo em 1910, que estimulou a reflexão sistemática e abrangente sobre o trabalho missionário protestante na América Latina, provocando assim em março de 1913, em Nova York, uma Conferência sobre missões na América Latina, que criou a Comissão de Cooperação na América Latina (CCLA). Por sua vez, a CCLA patrocinou o Congresso de Ação Cristã na América Latina, reunido no Panamá em fevereiro de 1916, o maior encontro das forças protestantes desse continente realizado até aquela data. O Congresso mostrou a necessidade de maior cooperação em áreas como educação religiosa, missões, literatura e formação teológica. Mais especificamente, suas metas principais foram a evangelização das classes cultas, a unificação da educação teológica através de seminários unidos, o desejo de dar uma dimensão social ao trabalho missionário na América Latina e o esforço em promover a unidade protestante.

Como resultado do encontro do Panamá, nos anos seguintes realizaram-se dois congressos missionários ecumênicos regionais. O primeiro, denominado Congresso de Ação Cristã na América do Sul, reuniu-se em Montevideú, Uruguai, em 1925. Em 1929, reuniu-se em Havana o Congresso Evangélico Hispano-Americano, presidido pelo metodista mexicano Gonzalo Baez-Camargo.

Uma segunda série de encontros do protestantismo latino-americano com caráter ecumênico foi representada por três Conferências Evangélicas Latino-americanas: CELA I (Buenos Aires, 1949), CELA II (Lima, 1961) e CELA III (Buenos Aires, 1969). Essas conferências estavam ligadas às denominações históricas, que rapidamente tornavam-se minoritárias no contexto geral do protestantismo da América Latina.

O protestantismo ecumênico das CELAs recebia a influência do protestantismo histórico do hemisfério norte, já o CELA III buscava aproximar-se do catolicismo posterior ao Concílio Vaticano II (1962-1965) e procurava responder à difícil situação social do continente com uma teologia radical, que eventualmente identificou-se com a célebre “teologia da libertação” que adquiriu notoriedade no âmbito católico romano com a segunda assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), reunida em Medellín, Colômbia, em 1968.

Em 1962, os protestantes haviam criado a organização Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), após uma consulta realizada em Huampaní, Peru, no ano anterior. Ela tornou-

se o centro de convergência dos teólogos protestantes da libertação, tendo como órgão o periódico *Cristianismo e Sociedade*.

Ao lado das Conferências Evangélicas continentais (CELAs) e do ISAL, o protestantismo ecumênico latino-americano criou várias estruturas para-eclésiásticas com o fim de promover os seus objetivos. Alguns organismos importantes foram os seguintes: Movimento Estudantil Cristão (MEC), União Latino-Americana de Juventudes Evangélicas, passando depois para Ecumênicas (ULAJE), Agência de Serviços Ecumênicos Latino-Americanos (ASEL), Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã (CELADEC), Coordenadoria de Projetos Ecumênicos (COPEC) e Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI).

Uma característica desse protestantismo ecumênico era o crescente declínio do seu ímpeto evangelizador, em contraste com a vitalidade das igrejas vinculadas a missões independentes ou ao movimento pentecostal, que mantinham o seu vigor evangelístico apesar das debilidades da sua teologia.²

O Congresso Mundial de Evangelização de 1966, realizado em Berlim, convocado, patrocinado e dirigido pela revista *Christianity Today*, para comemorar dez anos de trabalhos, e pela Associação Evangelística Billy Graham, somou forças para a articulação mundial do movimento evangelical contemporâneo, sendo classificado como uma reação à postura do Conselho Mundial de Igrejas a partir dos anos de 1960 e ao movimento ecumênico. Desde então, os congressos organizados por protestantes conservadores seguiam um caminho diferente do movimento ecumênico internacional e o latino-americano.

Do seio desse protestantismo majoritário conservador surgiu o impulso para os Congressos Latino-Americanos de Evangelização (CLADE), que foram organizados pela Associação Evangelística Billy Graham, sob o impulso do Congresso Mundial de Evangelização (Berlim, 1966). O CLADE I permitiu que líderes preocupados em relacionar a fé evangélica com a realidade latino-americana compartilhassem as suas inquietações, manifestando com clareza, na América Latina, o desejo de serem evangélicos e como evangélicos, serem latino-americanos. Naquela ocasião e naquele contexto, tornava-se urgente que, sendo evangélicos, buscassem uma teologia da encarnação que estabelecesse as pautas para um diálogo com a situação de sofrimento e opressão que se vivia em toda a América Latina.

² A pesquisa dos fatos históricos, datas e interpretação foram retiradas do site da Faculdade Latino-Americana de Teologia Integral - www.faculdadelatinoamericana.com.br e o site da Fraternidade Teológica Latino-americana - www.ftl.org.br, em 2004.

O CLADE I foi marcado pela diferença de pensamento entre os evangélicos e conservadores. Os teólogos latino-americanos não se viam representados pela teologia norte americana dos institutos e seminários bíblicos conservadores e tampouco pela teologia ecumênica. Portanto neste contexto, interpretado para alguns como uma separação radical, para outros como uma radicalização amena suavizando as pendengas entre fundamentalistas e ecumênicos, e ainda para outros como reação contra o ecumenismo, surge a divisão entre evangélicos e conservadores, e depois a divisão destes com o grupo ecumênico. A partir de então, preocupados em encarar a missão e a pastoral na América Latina, manifesta-se no CLADE I três vertentes: a ecumênica, a evangélica e a fundamentalista.

Foi neste contexto do CLADE I realizado em 1969 que se articulou a criação da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), organizada no ano seguinte em Cochabamba, Bolívia, tendo Pedro Savage como seu primeiro secretário e Samuel Escobar como seu primeiro presidente. Desde o primeiro momento, a FTL procurou ser uma plataforma de encontro e diálogo teológico da qual participassem pastores, missionários e pensadores evangélicos, dentro do marco evangélico de uma lealdade comum à autoridade bíblica e à fé evangélica como base da reflexão e de um compromisso ativo com o cumprimento da missão cristã.

Por sua vez, a Fraternidade Teológica Latino-Americana convocou os CLADEs posteriores (que apresentaremos à frente) e procurou estar tão consciente da problemática social latino-americana quanto o grupo de ISAL, mas, ao mesmo tempo, preocupou-se em abordar a questão de uma perspectiva que entendia ser mais bíblica e equilibrada. Ela é também mais representativa do protestantismo popular da América Latina que a sua congênere ecumênica. Entre os seus participantes mais destacados e influentes está o líder Samuel Escobar.

No decorrer deste despertar para as missões no mundo, destacamos o Congresso Mundial de Evangelização (Berlim, 1966), que foi a primeira grande reunião mundial de evangélicos no século XX, que também estimulou congressos regionais de evangelização em vários continentes. Estes por sua vez contribuíram para o Congresso Internacional de Evangelização Mundial (Lausanne, 1974), que evocou manifestações de opinião de toda a comunidade evangélica, à medida que os participantes se debatiam com as questões da teologia de missão no mundo contemporâneo.³

³ A pesquisa dos fatos históricos e datas foram retiradas do site da Faculdade Latino-Americana de Teologia Integral - www.faculdadelatinoamericana.com.br e o site da Fraternidade Teológica Latino-americana - www.ftl.org.br, em 2004.

1.2 O Pacto de Lausanne⁴

O Congresso Internacional de Evangelização Mundial (Lausanne, 1974), demonstrou o desenvolvimento de uma teologia missionária amadurecida, positiva e consistente, por parte dos evangélicos. O próprio tema “Para que o Mundo ouça a Sua (Deus) voz”, destaca a intenção da igreja de reafirmar a vocação e visualizar desafios e recursos para a evangelização em todo mundo. O Congresso de Lausanne foi considerado, na época, uma das reuniões mais globais realizada pelos cristãos. Reuniu 2473 participantes e cerca de 1000 observadores de 150 países e 135 denominações protestantes. Foi um congresso que trouxe um despertar para os milhares de cristãos no mundo, onde os evangélicos se puseram em dia com a época e com a história.

Uma das grandes influências nas deliberações do congresso veio através das contribuições de oradores do terceiro mundo. O impacto de líderes como Samuel Escobar e C. René Padilla, através do grupo de Discipulado Radical, foi de especial importância. Oradores latino-americanos como René Padilla, Orlando Costas e Samuel Escobar proferiram as declarações mais fortes no sentido de que a preocupação com as necessidades sociais da humanidade e o envolvimento com as mesmas é uma parte necessária do testemunho e da responsabilidade dos cristãos em favor do mundo. René Padilla com o tema “*A Evangelização e o Mundo*”, afirmou:

Nossa maior necessidade é um evangelho mais bíblico e uma igreja mais fiel. Poderemos nos despedir deste congresso com um belo conjunto de papéis e declarações que serão arquivadas e esquecidas, e com lembrança de um grande e impressionante encontro de âmbito mundial. Ou poderemos sair daqui com a convicção de que temos fórmulas mágicas para a conversão das pessoas. Eu pessoalmente espero em Deus que possamos sair daqui com uma atitude de arrependimento no que diz respeito à nossa escravidão ao mundo e ao nosso arrogante triunfalismo, com o senso de nossa incapacidade de sermos libertos dos grilhões a que estamos atados e, apesar disso, com grande confiança em Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que “é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre”. Amém.⁵

Samuel Escobar afirmou:

⁴ Cf - www.faculdadelatinoamericana.com.br e www.ftl.org.br (2004).

⁵ PADILLA, René. *A Evangelização e o Mundo: A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*. São Paulo e Belo Horizonte: ABU Editora e Visão Mundial, 1982. p. 171.

Uma espiritualidade sem discipulado nos aspectos diários da vida — sociais, econômicos e políticos —, é religiosidade e não cristianismo... De uma vez por todas, devemos rejeitar a falsa noção de que a preocupação com as implicações sociais do evangelho e as dimensões sociais do testemunho cristão resultam de uma falsa doutrina ou de uma ausência de convicção evangélica. Ao contrário, é o interesse pela integridade do Evangelho que nos motiva a acentuarmos a sua dimensão social”.⁶

O resultado mais valioso do Congresso foi à resolução de um pacto solene com Deus, bem como uns com os outros, de orar, planejar e trabalhar juntos pela evangelização de todo o mundo. Este pacto foi denominado o Pacto de Lausanne, um documento de 2700 palavras, em quinze seções, redigido sob a direção do líder evangelical anglicano John Stott.

O pacto definiu a posição dos evangélicos contra um evangelho mutilado com um conceito estreito da missão cristã e afirmou o interesse profundo e permanente dos evangélicos pela ação social em favor dos pobres e necessitados, até mesmo a ponto de se esforçarem pela mudança das estruturas sociais. O pacto de Lausanne também permaneceu firmemente evangélico, acentuando a autoridade da Bíblia, a singularidade de Cristo e a necessidade da evangelização. Ele também produziu algumas mudanças bem-definidas na teologia evangélica de missões e foi muito além das declarações evangélicas tradicionais, demonstrando que o evangelismo bíblico é inseparável da responsabilidade social, do discipulado cristão e da renovação da igreja.

Lausanne abordou o tema abrangente da evangelização mundial, referindo-se com isso ao ministério e à missão total da igreja. Destacou temas como: o propósito de Deus, a autoridade e o poder da Bíblia, a unicidade e universalidade de Cristo, a natureza da evangelização, a cooperação na evangelização, o esforço conjugado de igrejas na evangelização, a urgência da tarefa evangelística, evangelização e cultura, educação e liderança, conflito espiritual, liberdade e perseguição, o poder do Espírito Santo e o retorno de Cristo.

⁶ ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: História, Estratégia e Teologia de Missões*. Trad. Hans Udo Fuchs. Viçosa: Editora Ultimato, 1997. p 98

1.3 Os Congressos Latino-Americanos de Evangelização (CLADE's)⁷

Movidos pelo Congresso Mundial de Evangelização, em Berlim (1966), onde fora decidida à realização de congressos continentais sobre evangelização, foi convocado na América Latina em 1969, o 1º Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE I) em Bogotá (Colômbia), sendo o ponto de partida para o movimento evangelical na América Latina, definindo uma nova agenda pastoral para os evangélicos do continente que demonstravam o descontentamento e a oposição ao movimento ecumênico. O CLADE I foi o marco histórico do rompimento com o protestantismo latino-americano ecumênico, da polarização existente entre os fundamentalistas e evangelicais, e de influência para a geração de uma fraternidade de teólogos latino-americanos. O CLADE I reuniu cerca 900 participantes com o tema “Ação em Cristo para um continente em crise”, que aprovaram a “Declaração Evangélica de Bogotá”.

O debate iniciado no Pacto de Lausanne (1974) não terminou e prosseguiu durante os anos com o desejo de fazer do congresso um processo e não só um evento. Os participantes continuaram o debate promovendo outros congressos como o CLADE II (1979), em Lima, Peru, realizado pela Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL) com o lema “*Que a América Latina ouça a Sua (DEUS) voz*”. Este congresso tratou de relacionar o pacto com a realidade concreta de pobreza e opressão, corrupção moral e abuso de poder nesta região do mundo, assim sendo, os evangélicos latino-americanos escolheram o Pacto de Lausanne como uma expressão do seu consenso doutrinário básico e do seu claro compromisso com um modelo de missão integral e bíblico.

O congresso teve delegações de 21 países da América Latina e Caribe, com um total de 220 participantes, sendo 22 mulheres, que elaboraram em suas reflexões uma radiografia da situação da América Latina e do papel das igrejas, com destaque para as principais palestras que tinham como tema “o desafio da evangelização na década de 1980”, “a palavra e o espírito na comunidade evangelizadora”, “Cristo e o anticristo na proclamação”, “pecado e salvação na América Latina” e “esperança e desesperança na crise continental”. Estas palestras foram trabalhadas com dois preletores para equilibrar as forças entre os evangelicais radicais, moderados, fundamentalistas e ecumênicos. O CLADE II não elaborou nenhum super docu-

⁷ A pesquisa dos fatos históricos e datas foram retirados da obra: LONGUINI NETO, Luiz. *O Novo Rosto da Missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002; e dos sites - www.faculdadelatinoamericana.com.br e www.ftl.org.br, em 2004.

mento, como pacto, compromisso ou declaração, mas uma simples carta rica em seu conteúdo.

O CLADE III (1992), com o tema “Todo o evangelho para todos os povos”, demonstrou a grande diversidade do mundo evangelical latino-americano nos 1080 participantes que estiveram no congresso em Quito, Equador, que teve a presença representativa de 26 países da América Latina, além da África, Europa e Estados Unidos, sendo 30% de mulheres, 35% de pastores, 35% de leigos, 5% de representantes da hierarquia eclesiástica, 5% de acadêmicos, 5% de observadores e jornalistas, além de uma delegação de indígenas cristãos de alguns países do continente.

O congresso teve cerca de 100 oradores entre os expositores de seminários, conferencistas, pregadores, grupos de teatro, mímica e dança litúrgica e vários grupos musicais. O tema foi dividido em três partes, sendo o primeiro “Todo o evangelho” que tratou da natureza e essência do evangelho com palestras como, o evangelho e a palavra de Deus, o evangelho e a criação, o evangelho e a comunidade do Espírito, o evangelho do perdão e da reconciliação, o evangelho e o Reino de Deus, e o evangelho de Justiça e poder.

A segunda parte, “para Todos os Povos”, trabalhou as estruturas socioeconômicas, políticas e culturais da América Latina, e também de todos os povos alcançados pelo evangelho, com temas que traziam uma formulação missiológica como, a universalidade da missão, toda a igreja é missionária, missão integral, a nova consciência missionária na América Latina, o estilo encarnacional de missão e a urgência da missão.

A terceira parte, com o tema “A partir da América Latina”, debateu sobre temas extremamente ricos como, evangelho e política, o evangelho de justiça e o evangelho da nova criação. Estes temas refletiram o novo o rosto do movimento evangelical da América Latina que reafirmou a missão integral da igreja em seu aspecto holístico, o compromisso com a unidade dos cristãos e a justiça social relacionada com a pregação do evangelho.

No ano de 2000, estabelecendo o compromisso com o espírito de Lausanne, a FTL convocou o CLADE IV, em Quito, Equador, com o tema “O testemunho Evangélico para o Terceiro Milênio: Palavra, Espírito e Missão”, tendo a participação de 1300 pessoas, que refletiram sobre temas como, pluralismo religioso, estruturas de poder, crescimento da igreja e espiritualidade, além de consultas sobre os temas: juventude e sociedade, ministério com crianças, missão transcultural, trabalho bíblico, literatura, ministério com família, missão integral, educação teológica, unidade da igreja, política e direitos humanos, comunicações, presença cristã

no mundo acadêmico, testemunho cristãos no mundo dos negócios, o evangelho e os povos indígenas, teologia e liturgia, pastoral e missão, e fé e economia.

Todos estes temas tiveram o objetivo de reafirmar o lugar das Escrituras na formação do pensamento, na convivência da comunidade e da missão, a presença do Espírito Santo e seu poder na missão da igreja, reafirmando também o desafio da igreja evangélica como agente de mudança da sociedade, como testemunho público do poder de Deus na vida e no crescimento da igreja evangélica na América Latina, além de também refletir sobre as expressões teológicas, litúrgicas e missiológicas da igreja evangélica latino-americana.

Para entendermos melhor a formação histórica dos congressos e instituições no movimento evangelical transcorremos o seguinte quadro.

Quadro – Congressos e Instituições Evangelicais⁸

	Mundiais	Latino-Americanos	Nacionais
Congressos	<ul style="list-style-type: none"> -1966, Wheaton, Congresso sobre Missão Mundial - 1966, Berlim, Congresso Mundial de Evangelização - 1974, Lausanne, Congresso Internacional de Evangelização Mundial: Pacto de Lausanne - 1980, Pattaya, Consulta sobre Evangelização Mundial - 1983, Wheaton, Conferência Internacional sobre Natureza e Missão da Igreja - 1983, Amsterdã, Conferência Internacional de Evangelistas Itinerantes - 1989, Manilla, Congresso Internacional de Evangelização Mundial 	<ul style="list-style-type: none"> - 1962, Clade – Consulta Latino-Americana sobre Evangelização - 1969, Bogotá, Clade I -1970, Cochabamba, Constituição da FTL - 1979, Lima, Clade II - 1992, Quito, Clade III - 2000, Quito, Clade IV 	<ul style="list-style-type: none"> - 1983, Congresso Brasileiro de Evangelização - 1988, Congresso Nordeste de Evangelização
Instituições	<ul style="list-style-type: none"> - Comunhão Evangelical Mundial – CEM (<i>World Evangelical Fellowship – WEF</i>) (Aliança Evangélica Mundial – AEM) - Associação Interdenominacional para Missões no Exterior – AIME (<i>Interdenominational Foreign Missions Association – IFMA</i>) - Associação Evangelical para Missões no Exterior – AEME (<i>Evangelical Foreign Missions Association – EFMA</i>) - Associação Evangelística Billy Graham - Visão Mundial (<i>World Vision</i>) - Comunhão Cristã Interuniversitária (<i>Campus Crusade International – Bill Bright</i>) - Comunidade Internacional de Estudantes Evangelicais (CIEE) (<i>International Fellowship of Evangelical Students – IFES</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> - Associação Nacional de Evangelicais – ANE (<i>National Association of Evangelicals – NAE</i>) - Comitê Evangelical para a América Latina – CEAL (<i>Evangelical Committee for Latin American – ECLA</i>) - Missão Latino Americana – MLA (<i>Latin American Mission – Lam</i>) - Seminário Bíblico Latino-Americano (SBL) - Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL) - Celep (Centro Evangélico Latino-Americano de Estudos Pastorais) - Eirene 	<ul style="list-style-type: none"> - Fraternidade Teológica Latino-Americana - Aliança Bíblica Universitária (ABU) - Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CE-BEP) - Sociedade de Estudantes de Teologia Evangélica (SETE) - Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) - Visão Nacional de Evangelização (VINDE) - Visão Mundial - Associação Evangélica Brasileira (AEVB)

⁸ LONGUINI NETO, Luiz. *O Novo Rosto da Missão: os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 29.

2. Missão Integral na Igreja

Em meio a um período conturbado da história recente da América Latina, quando nosso continente foi sacudido por profundas convulsões políticas, ideológicas e sociais, muitos cristãos aderiram à agenda revolucionária da Teologia da Libertação. A Fraternidade Teológica Latino-Americana tem feito um esforço sério no sentido de apresentar uma alternativa a essa teologia que fosse bíblica, evangélica e igualmente radical em suas implicações. Eles demonstraram que as igrejas podem permanecer fiéis às suas convicções históricas e, ao mesmo tempo, adotar uma postura ousada e coerente em relação aos problemas sociais. Como cristãos brasileiros, preocupados tanto com a missão da igreja, quanto com as difíceis realidades sócio-econômicas de nosso país, devemos levar a sério os desafios desses líderes, que falam com convicção, coerência e clareza sobre a necessidade de um entendimento abrangente da tarefa da igreja no mundo, como agente e instrumento de Deus. A atitude e as ações de Deus em relação ao mundo, especialmente como reveladas no seu Filho, Jesus Cristo, são os nossos grandes paradigmas de missão. A Bíblia fala de um Deus que toma a iniciativa, que busca a humanidade com amor e compaixão, que quer dar vida e dignidade à sua criação. Isso foi ilustrado de maneira extraordinária por Jesus, quando, em seu ministério terreno, manifestou o interesse de Deus por todos os tipos de pessoas e pela pessoa integral. Nesta visão, fundamentado no pacto de Lausanne, entre a teologia da libertação e o neofundamentalismo, uma nova geração de pastores e líderes opta pela teologia da missão integral da Igreja.

A missão integral enfatiza de modo claro que a evangelização e a ação social não se separam, tornando necessário pregar Jesus Cristo como Senhor e Salvador de forma verbal e prática, verbal no que diz respeito à palavra de Deus e ao plano salvífico de Jesus, para a restauração, transformação, libertação e cura do homem e da mulher, ou seja, de toda humanidade através do poder do Espírito Santo na vida espiritual e no relacionamento com Deus; e prática no que diz respeito ao testemunho de amor e vida de Jesus, na ação física solidária para com as necessidades dos pobres e marginalizados trazendo restauração, transformação, libertação e cura no viver do próximo dentro da sociedade, através do Espírito Santo no contato pessoal e social. Desta forma, a missão integral reflete o cuidado e os propósitos de Deus pela pessoa como um todo, alcançando as quatro áreas em que Jesus cresceu - sabedoria (aplicação de verdades bíblicas na vida), estatura (atendimento de necessidades físicas), graça diante de Deus (ministério espiritual) e graça diante dos homens (atendimento social), reconhecendo Deus como importante, amoroso e capaz de transformar vidas, igrejas, comunidades e nações, fundamentando-se nos mandamentos bíblicos de Jesus de amar a Deus e ao pró-

ximo, demonstrando um estilo de vida de amor desempenhado por igrejas e indivíduos, seguidores de Jesus que demonstram a compaixão de Deus pelo seu próximo. Assim sendo a missão social defende um evangelismo que atinja as pessoas como um todo, na vida espiritual e física.

Sustentamos que uma evangelização que não toma conhecimento dos problemas sociais e que não anuncia a salvação e a soberania de Cristo dentro do contexto no qual vivem os que ouvem, é uma evangelização defeituosa, que trai o ensino bíblico e não segue o modelo proposto por Cristo, que envia o evangelista.⁹

A missão integral busca englobar esforços para libertar as pessoas de toda prisão social, política e econômica, porém as igrejas não devem propor programas políticos, pois este não é o papel da igreja, pois o evangelho não é um programa social e político.

O evangelho não é um programa social e político. Não se trata, entenda-se bem, de que as igrejas evangélicas tenham que propor um programa político na América Latina. Essa não é sua missão. A mensagem de salvação deve chegar a cada um em sua circunstância, mostrando como o pecado afeta todas as esferas da vida e as relações entre os homens. A mensagem também deve demonstrar como a entrega pessoal a Jesus Cristo transforma a vida de cada um, de modo que os efeitos da conversão sejam visíveis na sociedade em que o crente vive”.¹⁰

Desta forma as mudanças sociais virão pela mudança da sociedade, ou seja, a mudança de cada indivíduo e de suas estruturas com o testemunho evangélico.

A missão integral chama a igreja a uma atitude diferente para com a missão. Em nosso contexto, as igrejas evangélicas estavam dirigidas somente para a salvação da alma, oferecendo a reconciliação com Deus por meio de Jesus Cristo, deixando de lado as necessidades do corpo e a reconciliação do ser humano e seu próximo, proclamavam a justificação pela fé e omitiam a justiça social enraizada no amor de Deus pelos pobres, buscando sempre o crescimento numérico de membros, transformando o evangelho em uma mensagem para o indivíduo e a vida privada, mas não para a sociedade e a vida pública. Contudo, Jesus nos oferece o modelo perfeito de serviço e envia sua igreja para ser uma igreja serva, sendo a missão de Cristo a missão da igreja, de se entregar pelo próximo por amor. “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu vos enviei ao mundo”.(João 17.18)

⁹ ESCOBAR, Samuel. *A responsabilidade social da Igreja*. Editado por STEUERNAGEL, Valdir Raul. *A Serviço do Reino: um compêndio sobre a missão integral da igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1992. p. 20.

¹⁰ Id., *Ibid.*, p. 34.

A missão integral nos chama a identificar-nos com o mundo, sem perder nossa identidade cristã, ou seja, significa conhecer a situação que nos rodeia e conhecer as pessoas que iremos servir, fazendo o melhor por eles como pessoas no mundo, amando a Deus e ao próximo; significa conviver com as pessoas a quem Deus se preocupa e nos enviou; significa compartilhar o evangelho em sua compreensão integral, lutando pela justiça e paz se preocupando com as necessidades humanas; significa comprometer-se com a vontade de Deus e com as pessoas.

A missão integral busca ter relação com todo ser humano e com o ser humano todo, dando ao evangelho uma dimensão de espiritualidade e ação social com integridade ética, trazendo o crescimento integral da missão e da igreja, avaliando os crescimentos numérico, orgânico, conceitual e diaconal, com um modelo de crescimento integral qualitativo a partir da espiritualidade, encarnação e fidelidade.

Como comunidade do Espírito, ela deve crescer em santidade e comunhão. Como corpo de Cristo, deve crescer em apostolicidade (missão) e unidade. Como povo de Deus, ela deve crescer em fidelidade à atuação de Deus na história e na celebração dos seus feitos maravilhosos.¹¹

Trabalhando conversões genuínas através das palavras e das obras:

Se a palavra e obras não andam juntas, tudo o que temos são conversões deformadas. Palavras sem obras geram apenas crentes teóricos; obras sem palavra geram apenas crentes sem discernimento.

Uma das razões de sermos um povo tão dividido e tão ambíguo é que temos entre nós a Igreja da Palavra e a Igreja das Obras. Um dos apelos fortíssimos no enfrentamento do mundo espiritual, que tem expressão concreta na história, é a aceitação do desafio de que a Palavra e Obras precisam andar juntas na nossa prática aqui e agora. Não podemos separar evangelização e ação social, reflexão teológica e oração por doentes, hermenêutica técnica de textos e profecia carismática, enfrentamento das forças sociais e políticas da maldade e enfrentamento individual de demônios que habitam corações humanos. Não podemos nos esquecer de que Jesus ‘andou por toda parte fazendo o bem e libertando os oprimidos do diabo’ (At 10.38). Essa é a receita que de nortear toda ação prática: fazer o bem (palavra de relacionada com o bem social) e libertar oprimidos (palavra com conotação carismática, pelo menos no texto). Dessa forma somos ensinados a entender que as obras a serem feitas têm duas dimensões: social e espiritual.¹²

¹¹ YAMAMORI, Tetsunao & PADILLA, C. René & RAKE, Gregorio. *Servindo com os Pobres: Modelos de Ministério Integral*. Tradução: Hans Udo Fuchs. Curitiba - Londrina: Editora Descoberta, 1998. p. 30.

¹² D' ARAUJO FILHO, Caio F. *Elias esta nas Rua*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1990. p. 77 - 78.

Dentro da missão integral, encontramos vários modelos de ministérios que trabalham a evangelização e ação social, entre eles, destacamos o trabalho de células realizado nas igrejas do Peru, onde os participantes se tornam mais sensíveis às necessidades de seu próximo, levantando recursos para socorrer órfãos e doentes, abrindo pequenos postos de primeiro socorros, gerando mudança na forma de agir e no testemunho das pessoas, trazendo crescimento e fortalecimento na fé e gerando práticas solidárias com seus vizinhos, estabelecendo assim, o crescimento integral das igrejas.

Contudo, com uma perspectiva evangélica, a evangelização, o convidar os indivíduos, as famílias e as comunidades à reconciliação e nova vida em Jesus Cristo, certamente é básica e essencial. Todavia, a preocupação com prioridades, praticidade ou, muitas vezes, estatística e resultados rápidos não devem cegar a igreja para a integridade da missão, o propósito total de Deus para a humanidade e para a comunidade redimida. À medida que a igreja evangeliza, ela também precisa expressar o interesse de Deus por toda a vida e espelhar a atitude daquele que disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.” (João 10.10)

Este primeiro capítulo apresentou os eventos e aspectos que originaram o movimento da missão integral, com destaque nos acontecimentos históricos, congressos e instituições que surgiram no decorrer do tempo, realizando um grande despertar da missão, que favorece a base da formação de movimentos teológicos de missão, entre eles o movimento evangelical ou Missão integral. Nestes termos, o capítulo destacou também a missão integral da igreja, proporcionando uma visão panorâmica de sua formação entre os movimentos teológicos da época e uma visão teológica básica da missão integral, seus pensamentos básicos na vida da igreja, através da ação social e evangelização, evidenciando seus objetivos e seu modelo integral de evangelização.

Desta forma, este primeiro capítulo forneceu base para entender e aprofundar no conhecimento da teologia evangelical ou missão integral, dando a compreensão da perspectiva teológica sistemática que fundamenta o movimento. Nessa direção, o segundo capítulo traz uma perspectiva soteriológica com base no pensamento antropológico da missão integral.

CAPÍTULO 2

MISSÃO INTEGRAL

(UMA PERSPECTIVA SALVÍFICA)

O objetivo deste capítulo é evidenciar a perspectiva salvífica da teologia da missão integral, destacando sua antropologia e visão de mundo com vistas a uma ação evangelizadora que anuncia a salvação integral do ser humano e da sociedade. Em primeiro lugar, apresentaremos uma visão do ser humano e do mundo pelos olhos da missão integral, destacando a condição humana e o que é o mundo nesta teologia. Em segundo lugar, examinaremos a salvação integral, destacando o anúncio do evangelho que alcança o ser humano e a sociedade em sua integridade.

1. Conhecendo a Condição Humana

Com o objetivo de conhecer o pensamento antropológico da missão integral para compreender sua soteriologia, é preciso entender a condição humana pelos olhos da missão integral. Perguntar “O que é o ser humano?”, ou melhor “Quem somos nós?”, é necessário para compreender esta missão, respondendo à preocupação moderna ocidental, entendendo a nossa identidade pessoal e descobrindo o nosso próprio eu.

A humanidade procura entender seu valor como ser humano, pois a maneira como tratamos, respeitamos e consideramos as pessoas está diretamente ligada a nossa vida pessoal e

social. Enquanto, alguns apresentam hoje uma visão da condição humana negativista ou extremamente pessimista, outros são ingênuos demais em seu otimismo, sendo extremamente otimistas. Mas a missão integral destaca a necessidade de um realismo bíblico. “O que necessitamos, pois, (citando novamente J. S. Whale), não é nem o otimismo fácil dos humanistas, nem o obscuro pessimismo dos cínicos, mas o realismo radical da Bíblia.”¹³

1.1 O ser humano e sua dignidade

A missão integral defende o valor dos seres humanos afirmado por Deus desde o 1º capítulo da Bíblia, onde o homem e a mulher diferem dos animais:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra.

Criou Deus, pois o homem à sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra. (Gênesis 1.26-28)

Observando os primeiros capítulos de Gênesis, temos cinco privilégios mencionados que integram o ser humano: “compreensão, escolha moral, criatividade, amor e comunhão com Deus.”¹⁴ Estes privilégios são reconhecidos no mundo contemporâneo como elementos que constituem nossa distinção singular da nossa humanidade.

Compreensão ou Racionalidade Autoconsciente: o ser humano possui compreensão, podemos avaliar, indagar e criticar, tanto os acontecimentos quanto a nos mesmos. Somos autoconscientes e temos autocrítica, diferente do computador que tem uma capacidade enorme de armazenamento de informações e agilidade grande para os cálculos. Porém, o computador só faz o que é programado, não possui a capacidade de pensar coisas novas e de se auto questionar como os seres humanos. “Como disse a outro um certo cientista, astronomicamente

¹³ STOTT, John R. W. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*. Trad. Silêda Silva Steuernagel. 2ª Ed. São Paulo: EBU Editora, 1998. p. 37.

¹⁴ Sobre isso, cf STOTT, John R. W. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*. p. 40-43.

falando, o homem é infinitamente pequeno. É verdade, respondeu seu colega, só que, astromicamente falando, o homem é que é o astrônomo.”¹⁵

Capacidade de Escolha Moral: Podemos fazer opções morais de acordo com nossa cultura e formação, discernindo o certo do errado mesmo que de forma falível. A consciência trabalha como uma sentinela nos alertando sobre o que é certo ou errado. É uma ordem moral que nos leva a fazer o que consideramos certo e nos leva a ter culpa quando realizamos o errado, ou seja, os seres humanos são seres morais.

Poder de criatividade artística: Em responsabilidade com o meio ambiente e com a vida, Deus nos deu também habilidades inovadoras e criativas manifestadas através da ciência e da arte. Somos criaturas criativas que possuem o desejo dado por Deus de sermos também criadores. Podemos dançar, escrever e fazer músicas apreciando e agradando os nossos sentidos e necessidades.

Capacidade para relacionamentos de amor: O amor que une os seres humanos é mais do que um instinto, mais do que um distúrbio das glândulas endócrinas. Deus, que é Amor, nos deu capacidade de refletirmos nossa semelhança com ele, através de nossos relacionamentos de amor manifestados na amizade, fraternidade, amor conjugal e familiar.

Insaciável sede de Deus: Todo ser humano reconhece uma realidade pessoal suprema e, mesmo que negue, instintivamente procura a Deus, sabendo que sem ele estamos perdidos e não conseguimos nos realizar. Por isso, busca direta ou indiretamente um relacionamento de amor e adoração com Deus. “Na verdade somos plena e verdadeiramente humanos quando dobramos os nossos joelhos diante do nosso Criador.”¹⁶

Que maravilhoso seria se pudéssemos parar por aqui, mas o Senhor Jesus nos chamou a atenção a um outro lado do nosso ser, um lado escuro que, por vezes, não percebemos, mal temos consciência dele; porém, Ele nos mostra a extensão, a natureza, a origem e o efeito do mal na humanidade.

1.2 O ser humano e sua depravação¹⁷

A missão integral também apresenta o outro lado do ser humano, sua corrupção e degeneração, ou seja, o seu pecado que maculou a imagem e semelhança de Deus. Como membro

¹⁵ STTOT, John R. W. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*. p.40.

¹⁶ Id., *Ibid.*, p.42.

¹⁷ Sobre isso, cf. STTOT, John R. W. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*. p.43-46

da humanidade de Adão, o ser humano está marcado pelo pecado e pela morte, seus maus desígnios o fazem estar separado da comunhão com Deus.

Jesus não pregou a bondade fundamental da natureza humana... Ele pregou o valor dos seres humanos, inclusive dedicando-se a servir a eles. Mas também ensinou que não valem nada. Ele não negou que somos capazes de dar coisas boas aos outros, mas também acrescentou que, mesmo que façamos o bem, nem por isso deixamos de ser maus.¹⁸

Jesus nos ensina sobre:

O alcance universal da maldade humana: quando repreende os considerados mais justos e piedosos da época, que tinham consciência da degradação humana, Ele não repreende um indivíduo ou um grupo de criminosos ou corruptos, mas os refinados religiosos fariseus, mostrando que as pessoas consideradas mais honestas e piedosas da época eram contaminadas pela maldade humana.

A natureza egocêntrica da maldade humana: Em Marcos 7, Jesus descreve vários exemplos desta natureza egocêntrica, como homicídio, adultério, furto, falso testemunho, cobiça e outros, em cada um dos exemplos temos em comum a afirmação do ego. Eles formam as violações da segunda metade dos dez mandamentos. Assim, todo pecado é uma maneira de revolta egoísta contra Deus, sua autoridade e contra o bem-estar do nosso próximo. Por isso é que Jesus resume os dez mandamentos, nos mandamentos de amar a Deus e ao próximo.

A maldade humana é de origem interna: A maldade provém de nosso coração (Mc 7.21), nossa natureza herdada e pervertida, e não de um ambiente ruim ou uma educação falha (apesar de que ambos possam exercer forte influência sobre jovens). Assim, é do coração que procede a fonte da maldade humana, mesmo que tenhamos influências que nos levem a praticá-las, pois, mesmo tentados para o mal, poderíamos não praticá-lo, mas nos o praticamos. “Em nossos momentos mais sensíveis nós somos atormentados pela nossa potencialidade para o mal. E de nada adianta tratamentos superficiais.”¹⁹

O efeito contaminador da maldade humana: Jesus insiste em dizer que a maldade, que sai do coração é que contamina o homem (Mc 7.20-23), é algo moral que vem de dentro, ou seja, quando as pessoas exteriorizam suas maldades provocam atitudes que acabam por ferir e trazer o mal para as pessoas, contaminando as outras pessoas com esta maldade.

¹⁸ STTOT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*, p.43.

¹⁹ Id., *Ibid.*, p. 45.

Diante do paradoxo da condição humana, de agir com sua dignidade para a formação do mundo e agir com sua depravação para a destruição do mundo, através do mal que está enraizado dentro de nós, evidencia-se a necessidade mais urgente de redenção da humanidade.

Assim nossa necessidade mais urgente é a redenção, ou, digamos assim, um novo começo da vida, que nos ofereça purificação da poluição do pecado e também um novo coração, e mesmo uma nova criatura, com novas perspectivas, novas ambições e novas forças. E, já que fomos criados a imagem de Deus, tal redenção é possível. Nenhum ser humano é irredimível. Afinal de contas, Deus, através de Jesus Cristo, veio em busca de nós, e nos procurou diligentemente a ponto de sofrer a agonia da cruz, onde tomou o nosso lugar, carregou nosso pecado e morreu a nossa morte, a fim de que fossemos perdoados. Depois Ele ressuscitou, subiu aos céus e enviou o Espírito Santo, que é capaz de penetrar em nossa personalidade e transformar-nos a partir do nosso interior. Se existe para raça humana notícia melhor do que esta, eu pelo menos nunca ouvi.²⁰

Todos estes pontos são evidenciados pela missão integral, descrevendo que o ser humano é tentado para o mal, não tendo efeito qualquer tratamento superficial, pois não possui condições de entrar na presença de Deus e nem de salvar a si mesmo.

Cristianismo é uma religião de salvação. Nada existe nas demais religiões do mundo que possa ser comparado à mensagem de um Deus que amou, que buscou e que morreu por um mundo de pecadores perdidos.²¹

Nestes termos, é que as boas novas de salvação são apresentadas, o ato de Jesus morrer pelos nossos pecados e enviar o Espírito Santo que entra em nossa personalidade transformando-nos a partir de nosso interior, nos fazendo seus seguidores. E como seguidores, com realismo buscamos ter um mundo melhor. O que a maioria das pessoas busca utopicamente, mas são impedidas pelo egocentrismo.

A humanidade conserva dentro de si, vestígios da imagem divina na qual foram criadas, suas preferências estão na justiça do que na injustiça, na liberdade do que na opressão, no amor do que no ódio e na paz do que na violência, fatos estes, que nós fornece esperanças de mudança social.

A maioria das pessoas alimenta visões de um mundo melhor. Ofato complementar, no entanto, é que os seres humanos são “retorcidos de egocentrismo” (como Michael Ramsey costumava definir o pecado original), e isto impõe limites às nossas expectativas. Os seguidores de

²⁰ STTOT, John R. W. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*, p. 48.

²¹ STOTT, John R. W.. *Cristianismo Básico*. Trad. Flávia Brasil Esteves. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. p. 14.

Jesus são realistas, não utópicos. É possível melhorar a sociedade – e o registro histórico da influência do cristianismo na sociedade tem sido impressionante. Mas a sociedade perfeita, na qual só “habitará a justiça”, ainda aguarda a volta de Jesus Cristo.²²

Sendo assim, a tarefa de mudança social virá através da vida transformada por Jesus que faz de nós uma nova criatura, com a missão de testemunhar seus atos e palavras.

O que Deus disse e fez pertence à história, mas deve passar da história para nossa própria experiência. Deve sair da Bíblia e penetrar em nossas vidas. Deus falou. Temos nós ouvido suas palavras? Deus agiu. Temos nós recebido os benefícios de seus feitos?²³

Como seguidores de Cristo, precisamos responder a seu chamado para sermos como Ele e testemunharmos em nossas vidas a sua vida, manifestando seu amor e seu o poder de cura, libertação, transformação, restauração, salvação da vida humana, da sociedade e do mundo.

2. Conhecendo o Mundo

A obra de salvífica de Jesus Cristo está diretamente ligada ao mundo em sua totalidade, não somente com o indivíduo, fazendo-se necessário conhecer a relação de evangelho e mundo. Mas o que é mundo?

O mundo é a soma total da criação, o universo, os céus e a terra que Deus criou no princípio e que recriará no final.

Num sentido mais limitado, o mundo é a presente ordem de existência humana, o contexto espaço-temporal da vida do homem.²⁴

Cristo Jesus o Logos se fez presente na criação conforme (João 1.3 e 10). Desta forma, Jesus é tanto o agente da redenção quanto o agente da criação de Deus, sendo a meta para onde se dirige todas as coisas, o princípio e o fim de toda realidade material e espiritual.

O mundo hoje é encarado por uma ansiosa inquietude para com os bens materiais, incompatível com a busca do reino de Deus. As pessoas têm buscado uma vida material que terá fim em si mesma. O pensamento, de que nada trouxemos a este mundo e nada levaremos, tem trazido à humanidade e aos cristãos a atitude de exploração do mundo, em seus bens naturais e físicos, firmando um pensamento pessimista que destrói a sociedade. Mas precisamos entender que a presente ordem não pode ser vista como se esgotasse em si mesma. O mundo está alienado de Deus, hostil à mensagem cristã, longe dos propósitos de Deus, escravizado

²² STTOT, John R. W. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*, p. 49.

²³ Id., *Ibid.*, p. 14.

²⁴ PADILLA, René. *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: FTL-B e Temática Publicações, 1992, p. 16 e 17.

pelo poder das trevas. A sabedoria do mundo está marcada pelo desconhecimento de Deus, refletindo a sabedoria dos poderosos desta época. A cegueira dos incrédulos é o resultado da ação de satanás, príncipe das potestades do ar, deus deste século. O mundo está em pecado, pois o pecado que sai do coração do homem, manifesta-se na criação e na sociedade, criação sujeita à vaidade e que precisa ser redimida do cativeiro da corrupção. O mundo está na mentira. Em sua ignorância, o mundo vive uma realidade materialista e absolutista; os fatores sociais, econômicos, políticos e individualistas condicionam a humanidade para satisfazer suas próprias necessidades, trazendo a grande mentira de que o homem é como Deus.

Em sua rebelião contra Deus, o homem é escravo dos ídolos do mundo, por meios dos quais atuam estes poderes. E os ídolos que hoje escravizam o homem são os ídolos da sociedade de consumo... Surgiu uma sociedade que absolutiza a prosperidade econômica e o conseqüente bem-estar material do *homo consumens*... O materialismo – a fé sega na técnica, a indeclinável reverência à propriedade privada como um direito absoluto, o culto ao aumento da produção mediante o saque irresponsável da natureza, o desmedido enriquecimento das grandes empresas às custas do empobrecimento dos deserdados da terra, a febre do consumo, a ostentação e a moda -, esta é a ideologia que está destruindo a raça humana.²⁵

Considerando que a humanidade está aprisionada em um sistema que absolutiza o relativo e relativiza o absoluto, que submete o ser humano ao juízo de Deus, que o ser humano se encontra levado pelos vícios particulares, e que a evangelização não deve ser apenas comunicação verbal ou sequer métodos evangelísticos, mas uma evangelização que leva a sério o poder do inimigo e a necessidade dos recursos de Deus para a luta, chamando a igreja não para ser do mundo, mas para estar no mundo, proclamando a salvação em Cristo Jesus que rompe a escravidão do ser humano no mundo, com a esperança escatológica de novo céu e nova terra e a manifestação do reino de Deus agora.

O Cristo que operou o perdão dos pecados é, ao mesmo tempo, o Cristo que operou a libertação da escravidão do mundo. A hora da cruz foi a hora do juízo deste mundo e de seu príncipe (Jo 12.31;16.11)... O Cristo proclamado pelo evangelho é o Senhor de todos, através de quem Deus atuou definitivamente na história a fim de formar uma nova humanidade. Aquele que coloca sua confiança nele, por ele é liberto deste mundo perverso (Gl 1.4).²⁶

²⁵ PADILLA, René. *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*, p. 63.

²⁶ Id., *Ibid.*, p. 23.

3. A Salvação Integral

A missão integral nos chama à proclamação do evangelho, a anunciar a mensagem de salvação a partir da evangelização, assim definida biblicamente no *Pacto de Lausanne*.

Evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, o Senhor e rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e crêem. A nossa presença no mundo é indispensável à evangelização, e o mesmo se dá com aquele tipo de diálogo cujo propósito é ouvir com sensibilidade, a fim de compreender. Mas a evangelização propriamente dita é a proclamação do Cristo bíblico e histórico como Salvador e Senhor, com o intuito de persuadir as pessoas a vir a ele pessoalmente e, assim, se reconciliarem com Deus. Ao fazermos o convite do evangelho, não temos o direito de esconder o custo do discipulado. Jesus ainda convida todos os que queiram segui-lo e negarem-se a si mesmos, tomarem a sua cruz e identificarem-se com a sua nova comunidade. Os resultados da evangelização incluem a obediência a Cristo, o ingresso em sua igreja e um serviço responsável no mundo.²⁷

O *Pacto de Lausanne* chama a igreja à proclamação de Jesus como Senhor com uma forte responsabilidade de ser agente de transformação histórica, evidenciando a luta pela transformação através dos cinco itens apresentados abaixo.

- Necessidade de nos dedicarmos ao serviço de Cristo e dos homens enquanto aguardamos a vinda de Cristo;
- Cobrança aos governos de condições de dignidade humana, conforme consta na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*;
- Libertação daqueles que sofreram perseguição religiosa e a certeza de que de forma alguma nos intimidaremos diante de uma situação como essa;
- Oposição a toda injustiça, permanecendo fiéis ao evangelho;
- Afirmação da igreja como comunidade do povo de Deus, e não como instituição.²⁸

Desta forma, a evangelização não só tem a função de apresentar Jesus Cristo como Senhor e Salvador do mundo, que morreu pelos nossos pecados e trouxe acesso ao Pai nos purificando de todo o pecado, mas também nos orienta para a libertação total da escravidão tanto pessoal quanto do mundo, integrando o propósito de Deus de colocar tudo sob o governo de Cristo. Para isso, chama o ser humano ao arrependimento real para remissão dos pecados, em

²⁷ *Pacto de Lausanne. Natureza da Evangelização*, item 4. www.faculdadelatinoamericana.com.br, 2004.

²⁸ D' ARAUJO FILHO, Caio Fabio. *Igreja: Evangelização, Serviço e Transformação Histórica* Vol. 1. Niterói – R.J: Editora Vinde e Editora Sepal, 1987. p. 15.

que existe uma mudança de atitude, uma reestruturação dos valores e uma reorientação da personalidade, nos despertando para a dimensão social do evangelho.

A missão integral apresenta o desejo salvador de Deus de redimir toda a humanidade em Cristo Jesus, evidencia uma perspectiva de salvação integral, através dos fatos salvadores, como a encarnação, cruz, ressurreição, e os fatos que nos levam ao arrependimento à fé, como também ao anúncio das boas novas de Deus recebidas pela fé, redimindo o espírito humano, de forma que cada um caminhe na direção de se tornar à imagem de Jesus, fazendo Dele primogênito entre muitos irmãos. Assim, o ser humano produz boas obras porque Cristo habita nele e pela sua graça testemunha seu amor.

Assim como foi o chamado de Cristo, segue-me, um chamado mais simples, Ele solicitou tanto a homens como a mulheres que dessem sua fidelidade pessoal. Convidou-os a que aprendessem d'Ele, a que obedecessem às Suas palavras e a que se identificassem com Sua causa.²⁹

A missão integral evidencia a salvação integral em Jesus Cristo, a partir da salvação psicológica, da salvação física e cura das doenças físicas e psicológicas, trazendo liberdade para ser humano em sua vida e em seu testemunho, integrando à evangelização um ministério carismático de enfretamento de doenças e enfermidades.

Se Cristo chama de salvação e soteriologia o ato de curar corpos, por que restringirmos o termo, o uso e a perspectiva da boa nova exclusivamente a uma espiritualidade desencarnada? Isso deveria fazer-nos criar compromissos com a integração e a adição do ministério carismático de enfretamento da doença e da enfermidade, como algo que faça parte do processo evangelizador aqui e agora.³⁰

A humanidade precisa da salvação integral de Jesus Cristo, que liberta *da culpa*, ou seja, Jesus Cristo, como ser humano, venceu o pecado e a morte, levando o nosso pecado, a nossa culpa e morte em nosso lugar, a fim de que fôssemos perdoados; *do egocentrismo*, ou seja, Jesus Cristo com o poder de ressurreição, habitando em nós com seu Espírito, transforma a nossa personalidade, para que tenhamos a sua personalidade. Nossa personalidade fechada para nós mesmos, pensando somente no eu, se abre para Cristo e seu amor, nos fazendo servos que amam o próximo como Ele nos amou; *e do medo*, ou seja, Jesus Cristo que está assentado à destra de Deus e tem tudo debaixo de seus pés, com sua supremacia nos liberta de todo medo que paralisa, impedindo de vivermos a liberdade que Ele nos oferece; assim, de-

²⁹ STTOT, John W. R. *Cristianismo Básico*, p. 130.

³⁰ D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio, *Igreja: Evangelização, Serviço e Transformação Histórica*, p. 42.

vemos levar todos os nossos medos à luz da supremacia e vitória de Cristo que nos liberta. Com a liberdade de Cristo, que nos salva de forma integral, podemos viver a essência de seu amor para conosco, manifestando a liberdade de amarmos o próximo como Ele nos ama.

É verdade que o Senhor Jesus ressurreto deixou a Grande comissão para a sua Igreja: pregar, evangelizar e fazer discípulos. E esta comissão é ainda a obrigação da Igreja. Mas a comissão não invalida o mandamento, como se amarás a teu próximo tivesse sido substituído por pregarás o Evangelho. Nem tampouco reinterpreta amor ao próximo em termos exclusivamente evangelísticos. Ao contrário, enriquece o mandamento amar o nosso próximo, ao adicionar uma dimensão nova e cristã, nomeadamente a responsabilidade de fazer Cristo conhecido para esse nosso próximo.³¹

Desta forma, verdadeiramente seremos salvos na esperança da volta do Senhor Jesus, vivendo e manifestando o Reino de Deus agora, convertendo os nossos corações, sentimentos e atitudes para a missão integral, buscando, através da proclamação de Jesus Cristo que morreu pelos nossos pecados, a manifestação da salvação integral, de forma pessoal para que o mundo seja salvo em sua totalidade.

Claramente, a salvação de Deus em Jesus Cristo tem um alcance universal. Mas universalidade do Evangelho não deve ser confundida com o universalismo de teólogos contemporâneos que afirmam que, em virtude da obra de Cristo, todos os homens receberam a vida eterna, seja qual for sua posição frente a Cristo. Os benefícios procurados por Cristo são inseparáveis do evangelho e, conseqüentemente, somente podem ser recebidos em e pelo evangelho.³²

Proclamar que Jesus é o salvador do mundo não quer dizer que são salvos automaticamente, mas é um convite a confiarmos e entregarmos nossas vidas a Ele.

Cristo não salva independentemente da fé: a fé não nos restaura independentemente de Cristo. Ele se fez um conosco: nós temos que nos fazer um com ele. Sem a afirmação deste duplo processo de auto-identificação e dos resultados que o seguem não há uma exposição completa do evangelho.³³

Nestes termos, evidenciamos a responsabilidade da igreja de proclamar a salvação, pois a missão evangelizadora continua por meio dos seguidores de Cristo, que anunciam o arrependimento, o perdão de pecados e a salvação exigida pelo evangelho em todo decorrer da

³¹ STTOT, John R. W. *Cristianismo Equilibrado*. Trad Lourenço Vieira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1982. p. 61

³² PADILLA, C. René. *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*, p. 18.

³³ Id., *Ibid.*, p. 18.

história até o presente século. Esta missão de anunciar a integridade da salvação nos chama para voltarmos ao foco da evangelização instituída pelo Senhor Jesus, para a libertação, cura, transformação, retidão e atitudes que manifestam o amor de Deus em nossas vidas pessoais e na sociedade, para o estabelecimento do Reino de Deus no mundo.

Este segundo capítulo apresentou de forma resumida uma abordagem antropológica da condição humana e a visão do mundo na teologia da missão integral, evidenciando uma perspectiva salvífica. Abordou também a salvação integral em Jesus Cristo, buscando resgatar o foco do amor ao próximo que nos chama para a responsabilidade de proclamação da liberdade dada por Jesus para uma mudança social no mundo. A missão integral foi destacada como meio de salvação integral da humanidade, a partir do testemunho de amor e das atitudes de Jesus frente a o pecado do mundo.

Encontramos de forma simples e sucinta a visão de salvação universal, dentro da missão evangelizadora que transforma a personalidade humana, para trazer a nós, através do Espírito Santo, o caráter de Cristo para mudar e libertar a humanidade das prisões do príncipe das trevas, estabelecendo o Reino de Deus até a vinda de Cristo.

Nestes termos, precisamos entender como a teologia da missão integral compreende Cristo, ou seja, a sua cristologia. Assim, com a base antropológica e salvífica destacada neste capítulo, entramos no terceiro capítulo com a missão de entender o pensamento cristológico da teologia da missão integral.

CAPÍTULO 3

MISSÃO INTEGRAL

(UMA PERSPECTIVA CRISTOLÓGICA)

Este capítulo apresenta a perspectiva cristológica da teologia da missão integral, destacando seu entendimento de quem é Jesus Cristo e o compromisso que assumimos ao confessar Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador, estabelecendo a cristologia na evangelização. Primeiramente será apresentado como Jesus Cristo é conhecido pela teologia da missão integral, seu senhorio, sua salvação e sua universalidade. Em segundo lugar, destacaremos a cristologia apresentada no âmbito da missão, para a prática da evangelização no mundo.

1. Conhecendo Jesus

A missão integral restabelece uma cristologia a partir dos evangelhos, destacando sua vida, sua prática, sua mensagem, seus exemplos, sua mediação, seu senhorio e sua salvação, e se aproximando dos acontecimentos de Jesus para situá-lo em seu contexto social, econômico e político. Dentro desta busca, a velha e sempre nova pergunta sobre quem foi e quem é Jesus é primordial para levarmos a sério nossa fé em Jesus Cristo, e afeta nossa vida, nosso caráter e nosso comportamento com a humanidade e o mundo. “O problema da cristologia na pro-

clamação do evangelho afeta toda a vida e a missão da Igreja, o comportamento ético dos cristãos no mundo e mesmo a totalidade da nossa fé cristã.”³⁴

A missão integral evidencia a inter-relação de Jesus com Deus, sendo Deus feito Homem, possuindo duas naturezas distintas e perfeitas, a divina e a humana.

Creemos que Ele possui uma inter-relação eterna e essencial com Deus e que nenhuma outra pessoa tem. Não o consideramos como Deus disfarçado de homem e tão pouco um homem com qualidades divinas; cremos que ele é Deus feito homem. Estamos persuadidos que Jesus foi personagem histórico possuindo duas naturezas distintas e perfeitas – uma divina e outra humana – sendo nisto única, absolutamente e para todo o sempre. Só assim poderia Ele ser merecedor não só de nossa admiração, mas também de nossa adoração.³⁵

Como diz H.N. Ridderbos, esta misteriosa dualidade de Senhor e Servo, da necessidade de sofrer e no entanto possuir poder divino, é o elemento mais essencial na descrição que todos os quatros evangelhos fazem da vida terrena de Jesus...

E esta misteriosa dualidades constitui na base da proclamação apostólica de Jesus como o “Santo e Justo” (At 3.14; cf 7.52), o “autor da vida”(At 3.15), o “santo Filho” de Deus (At 4.27; cf 8.32ss), que, tendo sido morto “por (*uper*) nossos pecados” (1 Co 15.3) e, tendo sido elevado de entre os mortos, foi exaltado como o Kyrios de todo o universo (At 2.36; 10.36; 11.20). Nas palavras de Paulo, Jesus “(...) a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome (...)” (Fp 2.8-9). O coração do evangelho é Jesus Cristo: aquele que, mesmo sendo o Senhor exaltado, segue sendo um Messias crucificado (*Christos estaurómenos*) e, como tal, “poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1.23-24; cf. 2.2).³⁶

Jesus é o Messias, o filho de Deus, que morre na cruz pelos nossos pecados, para salvação, cura, libertação e transformação do ser humano em sua totalidade, mas também é aquele que nasce em Nazaré, que marca seu ministério redentor a partir da Galiléia, junto ao povo que era desprezado na época, em que a população era mesclada com pessoas deserdadas e sem pátria, tendo grande quantidade de órfãos, viúvas, pobres e desempregados, povo injustiçado socialmente e economicamente pelas classes dominantes, marginalizado e sofrido. Neste contexto, Jesus é aquele que tem o ser humano como prioridade, que manifesta seu amor na cura dos enfermos, no cuidado para com as mulheres, na identificação com os pobres, pro-

³⁴ E. COSTAS, Orlando. *Proclamando a Cristo no Mundo dos Dois Terços*. Editado por STEUERNAGEL, Valdir Raul, *A Serviço do Reino: Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja*, p. 181.

³⁵ STOTT, John R. W. *Cristianismo Básico*, p. 23 e 24.

³⁶ PADILLA, C. René, *Missão Integral, ensaios sobre o reino e a igreja*, p. 82.

clamando libertação para todos aqueles que passam necessidades e vivem sob opressão, seja moral, social ou religiosa.

Os gestos de Jesus têm o poder de devolver o humano ao homem, sobre todo e qualquer intento desumanizante. A postura de Jesus frente à lei e ao sábado, sua própria maneira de agir com os publicanos e pecadores, são uma opção radical contra os círculos fechados dos piedosos, assim como contra os representantes do judaísmo oficial.³⁷

A opção ministerial de Jesus dinamiza a consciência do ser humano oprimido; tem um sentido profético de denúncia a toda ordem que se levanta contra a realização plena do ser humano; é um chamado à conversão e um sinal de esperança e salvação do ser humano em sua totalidade.

1.1 Jesus Cristo é Senhor

Kyrios Iesous – Senhor Jesus é a confissão cristã mínima que possui implicações para a fé cristã e para a vida cristã, pois expressa uma profunda convicção teológica acerca do Jesus histórico e um radical comprometimento pessoal com Ele.

A partir das epístolas paulinas com destaque para Filipenses 2. 6-11, temos uma *convicção teológica*, de acordo com a qual Paulo atribui a Jesus um título divino, um texto divino e reivindica para Jesus uma adoração divina; identificando que Jesus Cristo é *Senhor e Salvador: Senhor*, como símbolo de sua vitória sobre as forças do mal que estão debaixo de seus pés e *Salvador* pela vitória sobre mal que o faz Senhor, dando a capacidade de ser Salvador.

Os cristãos primitivos deram a Jesus um título divino (Senhor), transferiram para ele textos divinos (concernentes à salvação que ele confere e à honra que ele merece) e lhe renderam culto divino (o dobrar dos joelhos). Estes fatos são indiscutíveis e são ainda mais impressionantes por serem naturais e quase casuais.

Não pode haver salvação sem senhorio. As duas afirmações, *Jesus é Senhor* e *Jesus Salva*, são virtualmente sinônimos.³⁸

Segundo John Stott, *Kyrios Iesous*, além de nos expressar a convicção de que ele é Deus e Salvador, indica também nosso *radical comprometimento* com Ele, com destaque para as seis afirmações de compromisso a seguir:³⁹

³⁷ SARRACO, Norberto. *As opções libertadoras de Jesus*. Editado por STEUERNAGEL, Valdir Raul, *A Serviço do Reino: Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja*, p. 192 e 193.

³⁸ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 99 e 100.

³⁹ Sobre esse assunto, cf STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 101-110.

Um compromisso de dimensões intelectuais, pois a mente é a cidadela central de nossa personalidade e governa nossas vidas, mesmo porque ela é a última a render-se ao Senhorio de Jesus. Jesus reivindica autoridade sobre ela em Mt 11.29: “tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossa alma”, Paulo se expressa de forma semelhante em 2Co 10.5: “levar cativo todo o pensamento a obediência de Cristo”. Os seguidores de Jesus tinham que se tornar discípulos, sujeitando-se a suas instruções, aprendendo com ele, ou seja, submeter nossas mentes ao jugo de Cristo;

Mas o cristão contemporâneo, na sua ânsia por reagir com sensibilidade aos desafios do mundo moderno, não pode, para tanto, tentar livrar-se da autoridade de Jesus Cristo a fim de fazê-lo. Um discípulo não tem a liberdade de discordar de seu divino mestre. O que nós cremos acerca de Deus e do ser humano, seja homem ou mulher, criado à sua imagem, ou sobre a vida e a morte, os deveres e o destino, a escritura e a tradição, a salvação e o juízo, e muito mais ainda, tudo isso nós aprendemos com ele. Existe em nossos dias, tão cheios de especulações estranhas e loucas. Uma urgente necessidade de retomarmos nossa posição correta aos pés de Cristo. “Só quem obedece sem reservas à ordem de Jesus”, escreveu Dietrich Bonhoeffer, “e submete-se sem resistências ao seu jugo, acha leve o seu fardo e sob sua doce pressão recebe o poder de perseverar no caminho certo. A ordem de Jesus é difícil, insuportavelmente difícil, para quem tenta resistir a ela. Mas para quem se submete voluntariamente, o jugo é suave e o fardo é leve.”⁴⁰

Um compromisso na dimensão moral - com a decadência dos padrões morais, o relativismo tem dominado o mundo e entrado na igreja, fazendo com que as pessoas percam sua referência moral. Por este motivo, somos chamados por Jesus a aceitar seus padrões e obedecer às suas ordens como em Jo 14.21: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele”. A obediência a Cristo está diretamente ligada ao amor, a prova de amor é a nossa obediência a seus mandamentos e o galardão do amor é Cristo se revelando a nós:

Os cristãos foram sepultados com Ele (Jesus) em sua morte e ressuscitados com ele a fim de terem um novo estilo de vida (Rm 6.4). Foram mortos com Cristo e portanto devem deixar toda má conduta; ressuscitaram com Cristo e agora devem “vestir-se” de um caráter como o de Cristo (Cl 3.5-14; Ef 4.17ss). Cristo, o Novo Homem, é o modelo da nova vida. (...)

⁴⁰ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 102.

O evangelho não é somente algo que se crê, mas também algo que se obedece (1 Pe 4.17-18; cf. Rm 2.8; Gl 3.1; 5.7; 2 Co 9.13; 1Pe 1.22). Com efeito, a genuidade da fé se mede pela obediência. As boas obras como expressão do amor não são apêndice da salvação, de valor secundário, mas são parte essencial da nova criação realizada em Cristo Jesus (Ef 2.10; Tt 2.14).⁴¹

Um compromisso na dimensão vocacional - dizer que “Jesus é Senhor” significa incluir nossa vida de trabalho, nos compromete a servir a vida inteira, somos chamados a ministrar e servir de alguma forma, ou seja, nossa vida e nossos afazeres devem testemunhar o senhorio de Jesus, no amor, na prática, no caráter, no anúncio, na cura e na libertação, somos chamados a gastar nossas vidas em seu serviço libertador.

Tornar-se cristão é viver como tal implica uma mudança tão radical que nenhuma imagem iria fazer justiça a ela, a não ser a morte e a ressurreição com Cristo, ou seja: morrer para a velha vida de comodismo e obstinação e ressurgir para uma nova vida de domínio próprio e autodoação, na qual o mundo foi crucificado para nós e nós, crucificados para o mundo.⁴²

Um compromisso na dimensão social - isto significa que confessar “Jesus como Senhor” compromete seus seguidores a responsabilidades individuais e sociais, reconhecendo Jesus como Senhor da sociedade. Assim temos que impregnar os valores de Cristo na sociedade, ou seja, na família, no trabalho, na vizinhança, no país e no mundo, através do anúncio e testemunho de Jesus Cristo.

Se Jesus amou o mundo de tal maneira que entrou nele através da encarnação, como pode seus seguidores proclamar que amam o mundo procurando escapar dele?... Procurar melhorar a sociedade não é mundanismo, mas amor. Lavar as mãos da sociedade não é amor, mas mundanismo.⁴³

A sociedade é mais que uma soma de indivíduos. As mudanças sociais tão urgentes na América Latina virão pela mudança de indivíduos e de estruturas. Em ambas há um desafio ao testemunho evangélico.⁴⁴

Um compromisso na dimensão Política - significa que declarar que “Jesus é Senhor”, implica em reivindicações políticas. Jesus ao declarar “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mc 12.17), deixou claro que existem áreas em que Deus é Senhor e César

⁴¹ PADILLA, C. René. *Missão Integral: ensaios sobre o reino e a igreja*, p. 85 e 86.

⁴² STOTT, Jonh R. W. *A verdade do evangelho: Um Apelo a Unidade*. Trad Marcell e Silêda S. Steuerna gel. Curitiba – PR: Encontro; São Paulo: EBU editora, 2000. p. 90.

⁴³ STOTT, John R. W. *Cristianismo Equilibrado*, p.57

⁴⁴ ESCOBAR, Samuel. *A responsabilidade social da igreja*. Editado por STEUERNAGEL, Valdir Raul. *A Serviço do Reino: Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja*, p. 51.

não deve se intrometer. Os discípulos de Jesus devem respeitar o Estado, mas não adorá-lo, nem fornecer o apoio acrítico que ele exige. Como discípulos temos que nos submeter às autoridades, desde que, elas não nos obriguem a desobedecer a Deus.

Neste ponto nosso dever, como cristãos, é desobedecer ao estado a fim de obedecer a Deus. Pois, afinal de contas, se o estado abusa de sua autoridade dada por Deus e tem a presunção, seja de ordenar aquilo que Deus proíbe, seja de proibir aquilo que Deus ordena, nós precisamos dizer “não” ao estado a fim de dizer “sim” a Cristo.⁴⁵

Os evangelhos nos permitem ver Jesus com várias alternativas políticas, como o a política dos fariseus, dos saduceus, dos zelotes e do essênios. Porém, Ele encarna e proclama uma nova alternativa política, o Reino de Deus. Como discípulos devemos proclamar esta nova alternativa baseada no amor, no serviço e na auto-entrega, confrontando as estruturas de poder com a denuncia da ambição de mando que está dentro dela.

Dizer que Jesus é o Cristo é descobri-lo em termos políticos, é afirmar que ele é rei. Seu reino não é deste mundo, não porque não tenha nada a ver com o mundo, mas porque não se amolda à política dos homens. É um reino com sua própria política, uma política marcada pelo sacrifício (...)

É assim que Jesus encara as estruturas de poder: denunciando a ambição de mando que se entrincheira nelas, e proclamando outra alternativa, baseada no amor, no serviço, na auto-entrega aos demais. Ele não se refugia no “religioso” ou no “espiritual” como se seu Reino não tivesse nada a ver com o político eo social, mas desmitologiza a política dos homens e se apresenta como o Rei-Servo, o criador e modelo de uma comunidade que se compromete com ele como Senhor e se compromete a viver como ele viveu.⁴⁶

Um compromisso na dimensão global - isto significa que ao afirmarmos “Jesus é Senhor”, reconhecemos seu senhorio universal, como está escrito em Fp 2.9-11: “Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome. Para que todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.” Desta forma, somos comprometidos a zelar pela honra e glória de seu nome, mesmo porque se a vontade de Deus é que todo o mundo reconheça Jesus, esta então deve ser nossa missão.

Os hindus falam sobre “o Senhor Krishna” os budistas do “ Senhor Buda”, mas nós não podemos aceitar essas reivindicações. Só Jesus é Senhor. Ele não tem rivais.

⁴⁵ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 108

⁴⁶ PADILLA, C. René. *Missão Integral: ensaios sobre o reino e a igreja*, p. 34 e 35.

Não existe incentivo maior para a missão mundial do que o senhorio de Jesus Cristo. Missão não é, nem uma interferência impertinente na vida privada de outras pessoas, nem uma opção dispensável que pode ser rejeitada. Pelo contrário, missão é uma dedução inevitável do senhorio universal de Jesus Cristo.⁴⁷

1.2 Jesus é Salvador⁴⁸

Salvação é uma palavra que abrange a totalidade da redenção de Deus. Apesar de salvação ter sabor um tanto desagradável para grande parte das pessoas, não podemos nos desfazer dela, mesmo porque o cristianismo é uma religião de resgate, que anuncia boas novas de salvação. Salvação significa libertação: libertação do justo julgamento de Deus devido aos nossos pecados; libertação de culpa e da consciência culpada; libertação para um novo relacionamento de comunhão com Deus, em que somos seus filhos perdoados, reconciliados e conhecendo-o como Pai; libertação da escravidão da vida sem sentido para uma nova vida de propósitos, vivendo em amor; libertação da prisão do egocentrismo para uma nova vida de serviço sem interesse próprio; libertação das prisões sociais de injustiças; libertação das prisões psicológicas; libertação da corrupção; libertação integral da raça humana.

É para libertar, ou seja, para salvar a humanidade que Jesus se apresenta como o bom pastor que vai buscar sua ovelha perdida, arriscando sua própria vida para encontrá-la, como Jesus diz em Jo 10.11: “Eu sou o bom Pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas”. Desta forma, Deus em Cristo toma a iniciativa de nos resgatar, se entregando à vergonha e sofrimento da morte de cruz e, através de sua ressurreição, nos livrar do poder da morte. Nisto percebemos o conceito do Deus de amor, gracioso que se recusa ser conivente e condenador para com os nossos pecados, pois envia seu filho Jesus Cristo para morrer pelos nossos pecados.

Foi para garantir estas preciosas bênçãos que Jesus Cristo veio a este mundo, morreu na cruz e ressuscitou. Foi ele que tomou a iniciativa: o Filho do homem veio para buscar e salvar o perdido....

... Se existe alguma outra religião que tenha qualquer coisa pelo menos parecida com as doutrinas da encarnação e da expiação”, escreveu Stephen Neill, “eu ainda estou por encontrá-la”. Mas ela não pode ser encontrada.⁴⁹

⁴⁷ STOTT, John W. R. *Ouçá o Espírito, Ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 109 e 110.

⁴⁸ Sobre esse assunto, cf STOTT, John. *Ouçá o Espírito, Ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 346.

⁴⁹ STOTT, John W. R. *Ouçá o Espírito, Ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 347.

Porém, é importante destacar que religiões como o budismo, na qual não existe Deus nem Salvador, mas a libertação através do esforço próprio; o hinduísmo, que crê na doutrina do Karma, a retribuição através da encarnação; o judaísmo que, mesmo acreditando na possibilidade de perdão, conforme o Antigo Testamento, não considera que Jesus seja o messias e que ele tem poder para perdoar os pecados; o islamismo que anuncia que Alá misericordioso só tem misericórdia com aqueles que oram, dão esmolas e jejuam, e que aqueles que não o fazem irão receber o julgamento merecido; e outras que anunciam a salvação própria e a realização do bem em harmonia com cosmos, não possuem uma mensagem de um Deus que por amor busca o pecador enviando seu filho para morrer na cruz.

Não resta dúvida alguma de que a principal diferença entre o Cristianismo e as religiões do mundo (e a principal pedra de tropeço que elas podem encontrar nele) é a cruz. Ela humilha todo orgulho e acaba com qualquer esperança de salvação própria. Fala também da incalculável generosidade de amor de Deus em prover este caminho de salvação.⁵⁰

1.3 Jesus é nosso⁵¹

A completa afirmação de Jesus Cristo não se resume a confessá-lo como Senhor e Salvador, e sim que *Jesus é nosso Senhor e Salvador*, e isto evidencia um terceiro significado na afirmação, ou seja, Jesus é nosso.

Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, podemos perceber que o pronome *meu* identifica a relação pessoal do povo da aliança de Deus, evidenciando um relacionamento de intimidade, não somente para uma pessoa, mas para todos. O Novo Testamento declara que Cristo é nosso contemporâneo, que está em plena ação, não está fossilizado, nos chama cada dia a segui-lo, oferecendo-se como nosso Salvador e Senhor, para viver em nós, transformando-nos através do Espírito Santo.

Desta forma, o possessivo singular *meu*, adquire o sentido do possessivo plural “nosso”, pois Deus chama um povo para si com o foco de unidade em Jesus Cristo, que está e fica entre nós, como declarado no envio às nações em Mt 28.20: “Estou convosco todos os dias até à consumação do século”. A unicidade de Jesus Cristo está nas afirmações de que Ele é Senhor,

⁵⁰ Id., Ibid., p. 349.

⁵¹ Sobre esse assunto, cf STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 350.

Ele é Salvador, Ele é nosso, ou seja, Ele é “nosso Senhor e Salvador”. Isto se refere teologicamente à encarnação, à expiação e ao dom do Espírito do Senhor ressurreto.

Com efeito, já que em nenhuma outra pessoa, a não ser o Jesus de Nazaré histórico, Deus se tornou humano, viveu na terra, morreu por nossos pecados, venceu a morte, foi elevado aos céus e enviou o Espírito Santo, não há, portanto nenhum outro salvador. Afinal, não existe nenhuma outra pessoa que possua estas qualificações e que tenha, portanto, a competência de salvar.⁵²

Ao afirmarmos que Jesus é nosso, estamos afirmando sua universalidade. Assim sendo, seu amor, sua graça e sua salvação são para todos. Porém, isto não desfaz a questão de seu único sacrifício, que o evidencia como o único Mediador, Salvador e Senhor, como as reivindicações bíblicas em Jesus Cristo de um só caminho, um só nome e um só Deus.

Aquilo que é verdadeiramente único tem significância universal e deve tornar-se universalmente conhecido, ao passo que, citando uma vez mais Vissert Hooft, “não existe universalidade alguma se não existir nenhum evento que seja único”. Assim a unicidade e universalidade andam juntas. Já que Deus exaltou Jesus acima de tudo, lhe deu o inigualável nome de Senhor, que está acima de qualquer outro nome, por isso é que todo joelho deve dobrar-se diante dele. Por ser Jesus Cristo o único salvador, por isso é que nós temos a obrigação de anunciá-lo em todo lugar. O “inclusivismo” da missão deve-se precisamente à “exclusividade” do Mediador. Para completar, a ele foi dada autoridade universal sobre as nações; é por isso que ele nos manda ir e fazer discípulos das nações.⁵³

Isto não significa que, fora da igreja, Deus deve ser considerado inativo e a verdade ausente. Deus sustenta todas as suas criaturas; elas são criação de Deus e vivem, movem e existem nele. Assim também porque Jesus é a luz da humanidade e Logos de Deus, toda beleza, verdade e bondade derivam dele, mesmo que as pessoas não saibam. Contudo, estes aspectos são denominados como graça comum de Deus, a demonstração de seu amor para com todos. Isto não é a graça salvadora que Deus estende aqueles que humildemente clamam por misericórdia.

A salvação não está e nem se ganha através da religião, sinceridade ou filantropia. Portanto, é impossível salvar-se a si mesmo, pois a salvação não se conquista com sua própria retidão, piedade e generosidade, e sim somente através da graça de Deus, somente baseada na cruz de Cristo, e somente pela fé. Desta forma, somos chamados e enviados por Deus em Je-

⁵² STTOT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 353.

⁵³ Id., *Ibid.*, p. 355.

sus Cristo para fazer discípulos, para que as pessoas conheçam a graça de Deus salvadora em Jesus Cristo.

Difícilmente as pessoas vão dar atenção a alguém em quem não acreditam, ou acreditar em quem não ouviram, ou ouvir, se ninguém tiver pregado a elas. É muito mais fácil às pessoas acreditarem depois de terem ouvido as boas novas de Cristo crucificado...

Assim, pois, negar a unicidade de Cristo é extirpar o nervo da missão, tornando-a supérflua. Afirmar sua unicidade, por sua vez, é reconhecer a necessidade de torná-lo universalmente conhecido.⁵⁴

2. Cristologia e Missão

A missão integral busca realizar a renovação clara e abrangente a respeito de Jesus Cristo na redescoberta da missão da igreja e no seu desenvolvimento, reconhecendo Cristo como a fonte, o caminho, o coração, a alma, o fundamento e o alvo da missão, pois quando à plenitude de sua pessoa e obra é negado, a missão se desintegra, a igreja perde a direção, a motivação e a moral. Desta forma, o reconhecimento da plenitude de Jesus Cristo, em sua carreira salvífica na missão, é fundamental para exercermos com clareza, propósito, força de motivação, coragem, autoridade, poder e paixão a evangelização do mundo hoje. Para isso, a missão integral apresenta a seguinte cristologia da missão:⁵⁵

A encarnação de Cristo - como modelo para a missão, realizando a identificação sem perda de identidade, ou seja, Jesus se esvaziou de sua glória e humilhou-se para servir, entrou em nosso mundo, viveu nossa vida, nossa natureza, nossas tentações, nossas tristezas, nossas dores, carregou nossos pecados e morreu a nossa morte. Viveu profundamente a condição humana, sendo amigo dos marginalizados, tocando os intocáveis e tendo uma total identificação de amor para com o ser humano. Desta forma, a igreja é chamada a se encarnar na sociedade como Jesus na Galiléia, que andava com o povo, acolhia os pecadores, abraçava prostitutas, chamava para si os possessos e os libertava. Precisamos nos encarnar, não nos promiscuir; precisamos, como igreja, assumir Jesus de Nazaré em nossas vidas, dentro de nossa cultura, a fim de que Ele se torne cidadão das culturas deste mundo. É necessário conhecer as situações concretas do mundo atual e ter vida e mensagem pertinentes a elas. Não podemos ser uma comunidade paralela, ser sal do sal e luz da luz, mas ser sal da terra e luz do mundo tendo uma atitude participativa em Jesus Cristo:

⁵⁴ STOTT, John W. R. *Ouçá o Espírito, Ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 357 e 358.

⁵⁵ Sobre esse assunto, cf STOTT, John. *Ouçá o Espírito, Ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 398.

O método dos métodos para se levar pessoas a Cristo é a perspectiva encarnacionista. A encarnação é o método que Deus realizou em Jesus Cristo. A igreja de Jesus Cristo em nosso país não tem levado mais pessoas ao Senhor porque somos uma subcultura dentro desta cultura – não encarnamos Cristo na realidade brasileira. Somos comunidade divorciada do resto da vida.⁵⁶

A cruz de Cristo - como o preço da missão, ou seja, a semente que morre se multiplica. A igreja precisa testemunhar verdadeiramente o evangelho; viver a vida de Cristo, falar como ele falou; ensinar como ele ensinou; denunciar o pecado onde quer que se encontre; temos que parar de buscar as maneiras mais fáceis para viver a vida como cristãos. Jesus teve que morrer a morte de cruz para que o evangelho chegasse a nós. “Se você quer ganhar milhares que estão sem Deus, precisa estar pronto para ser crucificado: seus planos, seus ideais, seus gostos e suas inclinações”.⁵⁷

A ressurreição de Cristo - como o mandato missionário, ou seja, a ressurreição de Cristo é o chamado para a missão, é o Senhor ressurreto, investido de autoridade, que comissionou seus seguidores para fazerem discípulos em todas as nações; é Ele quem congrega as pessoas em sua Igreja. “A legitimidade da missão universal da igreja tem sua origem no senhorio universal de Cristo. Desta forma a ressurreição abastecer o mandato missionário”.⁵⁸

A exaltação de Cristo - como o incentivo para a missão, ou seja, a motivação está no fato de Cristo ter sido exaltado, colocado a posição suprema de honra, à direita de Deus Pai. A igreja precisa zelar pela honra do nome de Jesus. É este zelo que integra a adoração e o testemunho da igreja; é isto que nos impele a testemunhar a Cristo, levando outros a adorá-lo. “Foi por amor de seu nome, para que ele recebesse a honra que lhe é devida, que os primeiros missionários partiram. O mesmo anseio e a mesma compaixão deveriam nos motivar”.⁵⁹

O dom do Espírito de Cristo - como o poder para a missão, ou seja, o Espírito Santo é o testemunho para a missão. Nossa confiança deve estar somente nele, pois só ele pode proferir palavras que restauram a vida e dão força para os fracos; só ele abre os olhos dos cegos para ver a verdade em Jesus, faz os surdos ouvirem sua voz e libera a língua dos mudos para que confessem Jesus como Senhor. Somente o Espírito Santo realiza a obra integral na vida do ser humano e só ele capacita-nos a evangelizar, anunciando Jesus como nosso Senhor e Salvador.

⁵⁶ D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio, *Igreja: Evangelização, Serviço e Transformação Histórica*, p. 51.

⁵⁷ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 405 e 406.

⁵⁸ Id., *Ibid.*, p. 409.

⁵⁹ Id., *Ibid.*, p. 411.

A parusia de Cristo - como a urgência da missão, ou seja, Jesus Cristo voltará e teremos que prestar contas a Ele. Com o Pentecostes, o período missionário se iniciou e só findará com a parusia. Neste período, temos a missão de anunciar a Cristo com urgência, pois o fim não virá antes que o evangelho do reino tenha sido pregado para todo o mundo. A igreja precisa resgatar a ansiosa expectativa escatológica e a urgência da missão dos primeiros cristãos. Temos que pregar a palavra com urgência, manifestando, testemunhando, vivendo, trabalhando para o seu reino, conscientes da volta de Cristo. “A Escritura nos adverte que, na perspectiva de Deus, o tempo é curto, a necessidade é grande e a tarefa é urgente”.⁶⁰

Nestes termos, a igreja precisa voltar à base cristológica da missão, tendo a inspiração e direção necessária para manifestar a vontade de Deus, anunciando, praticando e vivendo Cristo no mundo, estabelecendo o Reino de Deus agora, na esperança do vindouro.

Chegamos ao final do terceiro capítulo com a compreensão dos fatos históricos que marcaram o surgimento da teologia evangelical ou missão integral, com a compreensão de sua perspectiva salvífica, sua antropologia e sua visão cristológica. No quarto capítulo buscaremos compreender a perspectiva eclesiológica da missão integral para o dia a dia da vida da igreja.

⁶⁰ STOTT, John W. R. *Ouça o Espírito, Ouça o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 417.

CAPÍTULO 4

MISSÃO INTEGRAL

(UMA PERSPECTIVA ECLESIOLÓGICA)

O quarto e último capítulo apresentará uma perspectiva eclesiológica da missão integral, para compreendermos como esta teologia é vivenciada na prática da comunidade e como ela pode se estabelecer na sociedade, como representante de Jesus Cristo no mundo, sendo uma proposta teológica atual para América Latina. Para isso, iniciaremos entendendo a sociedade secular como campo para a eclesiologia da missão integral. Logo após, apresentaremos os desafios eclesiológicos atuais; depois, a eclesiologia evangelizadora da missão integral; em quarto lugar os modelos de ministério integral; e finalizaremos com o crescimento integral da igreja na sociedade atual.

1. A Sociedade secular

Os teólogos da Missão Integral têm feito forte crítica à sociedade capitalista. Ela tem sido marcada pelo amor ao dinheiro a qualquer custo; o amor ao próximo tem se esfriado a cada ano; o sofrimento do povo dominado e empobrecido pelas classes sociais dominantes tem ecoado no mundo todo; as necessidades, as dificuldades e as opressões são fortalecidas; a globalização e o capitalismo massacram a sociedade, exigindo mais e mais das pessoas; o ser humano tem tido pouco tempo para si mesmo ou para o lazer, tem sacrificado sua vida,

seus sentimentos, seus relacionamentos e suas necessidades humanas para o capitalismo e a sociedade global consumidora.

Em sua rebelião contra Deus, o homem é escravo dos ídolos do mundo, por meios dos quais atuam estes poderes. E os ídolos que hoje escravizam o homem são os ídolos da sociedade de consumo... Surgiu uma sociedade que absolutiza a prosperidade econômica e o conseqüente bem-estar material do *homo consumens*... O materialismo – a fé sega na técnica, a indeclinável reverência à propriedade privada como um direito absoluto, o culto ao aumento da produção mediante o saque irresponsável da natureza, o desmedido enriquecimento das grandes empresas às custas do empobrecimento dos deserdados da terra, a febre do consumo, a ostentação e a moda -, esta é a ideologia que está destruindo a raça humana.⁶¹

Neste sistema social, a secularização tem crescido de forma brutal; o ser humano moderno é aquele que possui uma vida secularizada, que pensa e vive o presente sem pensar nas conseqüências do futuro. Contudo, esta modernidade e secularização não conseguem eliminar a busca dos homens e mulheres modernos, aspirações e necessidades que marcam a humanidade.

Neste contexto, a missão integral apresenta a tríplice aspiração universal do ser humano, aspirações que nascem das pessoas a partir de Jesus Cristo, chamando a igreja ao desafio de apresentar ao mundo a plenitude de Cristo.⁶²

- **A busca por transcendência:** é a busca do ser humano por uma realidade suprema, que está além do universo material, ou seja, o espírito humano não consegue se satisfazer com o materialismo, ele necessita de algo supremo, transcendental, pois o ser humano “não vive só de pão”.

Podemos perceber no ser humano, a busca por transcendência:

Na diminuição súbita da filosofia marxista clássica que nega a existência de Deus. O fracasso do surgimento do marxismo como substituto para a fé religiosa, com doutrinas básicas do comunismo que não convenceu as mentes e nem as emoções das pessoas, enquanto a fé religiosa está longe de desaparecer. Pois, em muitas circunstâncias, tem encontrado uma nova força e vitalidade.

Na desilusão do ser humano com o deserto do materialismo ocidental. A secularização capitalista e comunista não consegue satisfazer o espírito humano. A cosmovisão científica

⁶¹ PADILLA, C. René. *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*, p. 63.

⁶² Sobre esse assunto, cf STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 247-258.

arrogante, que acredita poder explicar todas as coisas, nos mostra que só consegue medir apenas uma parcela daquilo que o ser humano pode conhecer. O ser humano sabe que a realidade não pode ser explicada por um tubo de ensaio, uma lâmina no microscópio e nem na objetividade fria do método científico, pois a vida possui uma realidade transcendental e assustadoramente vasta.

Na epidemia do abuso de drogas, evidenciada não como uma experimentação inocente, não somente por protesto aos costumes convencionais e nem pela tentativa de escapar da realidade da vida, porém como busca genuína por realidade transcendental objetiva, uma consciência mais elevada, uma experiência transcendental de sair fora do corpo, mover-se através dos objetos, sentir a superioridade, o poder, a força, ir além do natural, ou seja, uma certa divinização do ser humano.

Na proliferação dos cultos religiosos, o ser humano anda à procura de realidade transcendental no misticismo oriental, na ioga, na meditação transcendental, no ocultismo, no movimento da nova era, no misticismo materialista (sexo), na astrologia, no espiritismo, nas religiões afro, no crescimento ao culto às imagens da doutrina católica e no crescimento e divisão das diversas igrejas consideradas evangélicas.

- **A busca por significância:** é evidenciada pelo nosso senso de significância pessoal, dando sentido a nossa vida. Isto é essencial para a sobrevivência. O senso de significância tem sido reduzido: *pelo efeito da tecnologia* quando homens e mulheres são identificados não mais por um nome, mas por um código ou número de série, por uma placa de computador na rede mundial; *pelo efeito do reducionismo científico* de afirmar que o ser humano nada mais é do que um animal ou uma máquina induzida por estímulos externos; *pelo efeito do existencialismo radical* que declara que Deus não existe. Portanto, não existem mais valores, leis, padrões, propósitos e nem significados e o ser humano tem que buscar significância em sua insignificância.

Quando os seres humanos são desvalorizados, tudo o mais na sociedade se estraga. As mulheres são humilhadas e as crianças desprezadas. Os enfermos são considerados um incômodo e os idosos um fardo. As minorias étnicas são discriminadas. Os pobres são oprimidos e lhes é negada a justiça social. O capitalismo põe à mostra seu lado mais desprezível. O trabalho é explorado nas minas e nas fábricas. Os criminosos são brutalizados na prisão. Opiniões contrárias se polarizam (...) Os descrentes ficam à deriva, para viver e morrer em sua perdição. Não há liberdade, nem dignidade, nem

prazer e alegria. A vida humana já não merece ser vivida, pois chegou a tal ponto mal pode ser considerada humana.⁶³

- **A busca de comunhão:** o ser humano vive em uma sociedade moderna que destrói a comunhão e desintegra a sociedade. Os relacionamentos são enfraquecidos, as pessoas têm dificuldades para se relacionar com outras pessoas, o amor mútuo quase não é vivido. Contudo, o ser humano tem buscado aquilo que foge dele: o amor no mundo sem amor; as pessoas vivem sedentas de amor, pois o amor é indispensável para a nossa humanidade; o ser humano, como ser social, precisa de relacionamentos para viver, por isso as pessoas vivem á procura de comunhão genuína e de relações de amor autênticas.

2. Os desafios eclesiológicos

Os teólogos da Missão Integral indicam que a igreja nos dias atuais precisa ser mais atuante como testemunha de Jesus Cristo. A pregação, a oração e a ação devem manifestar a vontade de Deus expressa em Jesus Cristo. Para isso, a igreja precisa ter seus ouvidos atentos e olhos abertos às necessidades da humanidade, precisa de uma consciência sensível no mundo, reagindo de forma construtiva e compassiva ao sofrimento do povo.

A ação da igreja deve ser de viver a missão a qual foi chamada: viver em serviço, e não em servilismo, de acordo com o qual o mundo define a ação da Igreja. Ela não deve se curvar diante do mundo, e sim manifestar a vontade de Deus, declarando nossa missão de discípulos de Jesus de Nazaré, o Cristo, chorando com os que choram, tendo sensibilidade às necessidades humanas, ao grito por justiça, aos sofrimentos e angustias do povo, manifestando o testemunho de Cristo que resgata, cura, liberta, transforma e salva os seres humanos, dando vida e vida abundante, trazendo a realidade do Reino de Deus agora.

Se a igreja pretende ganhar a sua sociedade secular circundante, ela precisa encarnar-se nela. Isto significa assumir Jesus de Nazaré em nossa vida, dentro de nossa cultura concreta, a fim de que Ele se torne cidadão de cada uma das culturas desta mundo. A igreja precisa ver as situações históricas e concretas de modo pertinente e participativo, ela não pode ser, de modo algum, uma comunidade paralela. Não somos sal do sal, nem luz da luz; somos sal da terra e luz do mundo.⁶⁴

⁶³ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 257 e 258.

⁶⁴ D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. *Igreja: Evangelização, Serviço e Transformação Histórica*, p. 47.

A igreja precisa responder às questões advindas da sociedade secularizada, enfrentando o desafio de apresentar a realidade da adoração, o senso divino e o temor de Deus, sendo a resposta da busca por transcendência do ser humano, aos homens e mulheres modernos, manifestando a real transcendência vivida nos cultos de adoração a Deus, possibilitando um encontro íntimo com o Deus vivo.

A igreja precisa enfrentar o desafio de apresentar significado ao ser humano. Para isso, a qualidade de ensino da igreja deve dizer às pessoas quem elas são, esclarecer sua identidade, mostrando sua corrupção e sua dignidade bíblica, seu valor como ser humano na doutrina da criação e redenção, sua imagem e semelhança a Deus, que foi corrompida, mas não destruída. Apresentar o valor do ser humano em Cristo, no amor de Deus, para a nossa própria auto-imagem e para o bem estar da sociedade.

Mas quando os seres humanos são valorizados como pessoas, em virtude de seu valor intrínseco, tudo muda. Homens, mulheres e crianças são honrados. Os enfermos são cuidados e os idosos capacitados a viver e a morrer com dignidade. Os dissidentes são ouvidos, os prisioneiros reabilitados, as minorias protegidas e os oprimidos libertados. Os trabalhadores recebem salário digno, condições de trabalho decentes e uma parcela de participação, tanto na gerência como nos lucros da empresa. E o evangelho é levado até os confins da terra. E por que tudo isso? Porque as pessoas importam. Porque todo homem, mulher e criança têm valor e significado como ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.⁶⁵

A igreja precisa enfrentar o desafio de apresentar a qualidade de sua comunhão, anunciando e vivendo o Deus de amor que enviou seu filho Jesus Cristo para uma verdadeira comunhão, salvando o ser humano para uma vida de amor e comunhão, construindo uma nova humanidade, uma nova sociedade que vive o amor de Deus, ofuscando os valores e os padrões do mundo, quebrando as barreiras raciais, sexuais, nacionais e sociais, experimentando o amor verdadeiro e sacrificial, atencioso e de apoio mútuo, formando uma comunidade do amor ao próximo.

Neste contexto, a igreja precisa satisfazer a busca da sociedade secularizada, enfrentando os desafios por Deus, pelo próximo e por si mesma, ou seja, a sociedade busca aquilo que Jesus Cristo oferece. Portanto, a igreja precisa se deixar renovar pelo Espírito Santo de Deus, manifestando e vivendo a palavra de Deus, oferecendo a transcendência na adoração, significado no ensino e comunhão no seu amor comunitário. Assim, a sociedade voltará seu

⁶⁵ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 258.

olhar para a igreja reconhecendo a presença e amor de Deus nela, levando a sociedade a uma verdadeira transformação e salvação, promovendo vida e vida em abundância, sendo o Reino de Deus agora.

Já que o Reino foi inaugurado por Jesus Cristo, não é possível entender corretamente a missão da igreja independentemente da missão de Jesus. É a manifestação, ainda que não completa, do reino de Deus tanto por meio da proclamação como por meio da ação e do serviço social. O testemunho apostólico continua sendo o testemunho do Espírito acerca de Jesus Cristo, por meio da Igreja.⁶⁶

3. A eclesiologia evangelizadora da missão integral

A igreja é chamada a proclamar as boas novas de salvação, a testemunhar Jesus Cristo como Senhor e Salvador, vivendo a palavra, a mensagem, a sensibilidade e as atitudes de Jesus Cristo, manifestando a vontade e o amor de Deus para com o ser humano, trazendo cura, libertação, transformação, vida e salvação. Esta é a missão da igreja. Portanto, para que a igreja cumpra sua missão e propósito, é necessário que ela possua uma teologia (precisa compreender-se), uma estrutura (precisa organizar-se), uma mensagem (precisa expressar-se) e uma vida (precisa ser ela mesma). Desta forma, a missão integral procura apresentar uma eclesiologia evangelizadora partir da Igreja local.⁶⁷

3.1 – A Teologia da Igreja

A missão integral entende que a igreja precisa compreender-se, porquanto ela ainda não conseguiu entender qual é sua identidade e nem sua vocação. Por isso, as diferentes igrejas se encontram enfermas, tendo uma falsa imagem de si mesmas.

No contexto atual, encontramos duas falsas imagens de igrejas, as que possuem um cristianismo introvertido e outra que possuem um cristianismo secularizado. A primeira vive como se fosse um clube religioso; seus membros pagam suas mensalidades; gozam de certos privilégios; gostam de fazer coisas juntos; são pessoas introvertidas que permanecem em seu mundinho de quatro paredes, vivem se considerando santas e separadas, de tal forma que não se relacionam com a vida social, e nem se importam com o que acontece em seu redor; permanecem em adoração a Deus, voltadas para dentro de si mesma e, quando fazem

⁶⁶ PADILLA, René. *A missão da igreja a luz do Reino de Deus*. Editado por STEUERNAGEL, Valdir Raul. *A Serviço do Reino: Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja*, p. 125.

⁶⁷ Sobre esse assunto, cf STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 265-281.

algum trabalho assistencial se consideram cumpridoras da vontade de Deus. Encontramos também igrejas ou grupos dentro delas que possuem um cristianismo sem religião, ou seja, uma missão secular. Estas igrejas, ao contrário das introvertidas, decidiram trocar o serviço divino da igreja pela comunidade secular, não mais realizam cultos de adoração a Deus, mas realizam shows religiosos, em alguns casos, ou atividades meramente humanitárias, em outros, tentando instituir um cristianismo sem religião.

No entanto, existe uma outra forma de compreender a igreja, a igreja que possui tanto o foco de adoração a Deus, vivendo uma vida de busca e santidade em Deus, quanto o foco de serviço ao mundo, dedicando-se à missão de servir o próximo testemunhando e anunciando Jesus como nosso Senhor e Salvador. Uma igreja que possui uma identidade integral, um cristianismo encarnado, sendo santa, separada para pertencer a Deus e adorá-lo, sendo apostólica, enviada ao mundo para a missão de servir em Jesus Cristo. Uma igreja comprometida com o Reino de Deus, com uma vida de santidade a Deus e comprometida com o mundo, no sentido de viver o testemunho de serviço em Cristo Jesus, sendo pró-ativa ao clamor do mundo, sua vida e sofrimento, não vivendo isolada, mas encarnada no mundo, ou seja, a igreja está mundo, testemunhando Jesus Cristo, em seus atos, palavras, sentimentos e pensamentos para estabelecer o Reino de Deus.

O método dos métodos para se levar pessoas a Cristo é a perspectiva encarnacionista. A encarnação é o método que Deus realizou em Jesus Cristo. A igreja de Jesus Cristo em nosso país não tem levado mais pessoas ao Senhor porque somos uma subcultura dentro desta cultura – não encarnamos Cristo na realidade brasileira. Somos comunidade divorciada do resto da vida.⁶⁸

Ninguém demonstrou tanto quanto o senhor Jesus Cristo o que significa esta “santa mundanidade”. Sua encarnação é a perfeita encarnação dessa mundanidade. Por um lado ele desceu ao nosso mundo e assumiu a completa realidade da nossa humanidade. Tornou-se um conosco em nossa fragilidade, expondo-se as tentações. Comungou com gente comum, que se juntava ansiosamente ao seu redor. Ele aceitou todo mundo, sem desprezar ninguém. Identificou-se com as nossas tristezas, nossos pecados e nossa morte. Contudo, ao misturar-se livremente com gente como nós, ele nunca sacrificou nem comprometeu sequer por um momento a sua própria identidade e unicidade. Ele vivenciou a perfeição da santa mundanidade.⁶⁹

⁶⁸ D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. *Igreja: Evangelização, Serviço e Transformação Histórica*, p. 51.

⁶⁹ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 270

3.2 – As Estruturas da Igreja

A igreja precisa organizar-se de tal forma a transparecer sua teologia, seu compromisso, sua missão e sua encarnação. Muitas igrejas possuem sua estrutura e organização voltada para si mesma. As programações são fechadas para si, ou seja, não possibilitam o contato com a comunidade e nem sua participação nos eventos.

Às vezes eu me pergunto (embora eu exagere, a fim de estabelecer o meu argumento) se não seria mais saudável se os membros da igreja só se encontrassem aos domingos (para adorar a Deus, ter comunhão entre si e receber ensino) e em hipótese nenhuma durante a semana. Aí a gente se congregaria aos domingos e se espalharia pelo resto da semana. Nós viríamos a Cristo para adorá-lo e iríamos por Cristo em missão. E neste ritmo de domingo-dias-da-semana, congregar-e-espalhar, vai-e-vem, adoração-e-missão, a igreja expressaria sua santa mundanidade, e sua estrutura se adaptaria à sua dupla identidade.⁷⁰

A estrutura da igreja deve identificar sua dupla identidade de adoração e missão, ou seja, o prédio da igreja deve possuir uma estrutura convidativa e amistosa; os cultos da igreja devem ser organizados de forma a incluir membros e não membros, visando o compromisso, a participação, a união e a missão. Os membros da igreja devem ser membros da comunidade, possibilitando o testemunho de Cristo na sociedade; o programa da igreja deve favorecer para o ensinamento da palavra de Deus, o compromisso com a sociedade, a encarnação e a missão da igreja, com treinamentos para aqueles que querem se comprometer com o serviço e testemunho cristão.

A igreja deve reestruturar e organizar seus trabalhos e eventos de modo a possibilitar a participação da comunidade, realizando visitas, eventos para a comunidade, atendimento e serviço à comunidade, eventos evangelísticos com jovens, adolescentes, adultos e idosos do bairro, grupos de apoio às necessidades do bairro e às necessidades sociais e econômicas das pessoas, reuniões caseiras, trabalhos familiares, discipulado em células visando à adoração e o serviço, etc, tudo com o intuito de manifestar a missão encarnada da igreja.

⁷⁰ STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 273

3.3 – A mensagem da Igreja

A igreja precisa se expressar, articulando sua mensagem, compartilhando o evangelho. Para isso, precisa definir sua forma de apresentar as boas novas de Jesus Cristo Senhor e Salvador, declarando o amor de Deus em Jesus Cristo, seu sacrifício na cruz que nos possibilita o arrependimento para uma nova vida de perdão e libertação com participação na sociedade.

Não basta que a igreja local se compreenda e se organize apropriadamente; ela precisa também articular sua mensagem. Afinal, evangelizar, no sentido mais simples e mais básico, é compartilhar o evangelho. Assim, para definir a evangelização é preciso também definir as boas novas.⁷¹

Alguns anunciam o evangelho com rigidez total, são escravizados por fórmulas e palavras, como se o evangelho fosse empacotado. Outros anunciam com fluidez total, contextualizando o evangelho às situações apropriadas e particulares a cada pessoa.

Contudo, é fundamental anunciar o evangelho de maneira equilibrada, não tendo rigidez nem fluidez. Devemos usar a dialética da antiga palavra com o mundo moderno, o concedido com o aberto, o conteúdo com o contexto, revelação com contextualização, à escritura com a cultura, sendo sensíveis para com as pessoas. A mensagem deve ser marcada com nosso compromisso de adoração e missão.

3.4 – A Vida da Igreja

A igreja precisa ser ela mesma, o exemplo de comunidade que tem amor de Deus em Jesus Cristo nosso Senhor e Salvador, uma vida de testemunho e encarnação do evangelho, uma nova sociedade que manifesta o Reino de Deus, uma igreja que vive em palavras e em ações. O testemunho de vida da igreja e de seus membros, sua maneira de agir, suas atitudes, sua personalidade, suas palavras, seu caráter e sua forma de relacionar com as pessoas devem ser a mesma de Jesus Cristo, pois ele se torna visível através dos cristãos. Viver a mensagem e o amor de Deus é a melhor maneira de anunciar Cristo. Viver como Ele viveu, amar como Ele amou, sentir como Ele sentia, é fazer Jesus Cristo vivo entre nós através do Espírito Santo. Ser uma igreja que resgata, cura, liberta, transforma e salva o ser humano em

⁷¹ STOTT, John W. R. *Ouçá o Espírito, Ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 278 e 279.

Cristo Jesus, é ser uma comunidade de amor que ama uns aos outros, faz visível, para o mundo, o Deus invisível.

O que Deus espera da igreja é que ela seja a sua nova sociedade, a encarnação viva do evangelho, um sinal do reino de Deus, uma demonstração do que é a comunidade humana quando ela se coloca sob o domínio gracioso de Deus.

Em outras palavras, o propósito de Deus é que a boa nova de Jesus Cristo seja expressa tanto visualmente como verbalmente – ou seja, em palavra e em ação.⁷²

Portanto, uma igreja que busca se estabelecer com teologia, estrutura, mensagem e vida numa identidade de adoração e missão, com foco na encarnação e na visão holística de sua missão como igreja, experimenta uma vida de santidade e serviço, testemunhando a vontade de Deus em Jesus Cristo. Para isso, a igreja pode estabelecer modelos de ministério integral na sociedade, sendo a presença de Cristo para os dias atuais, manifestando o Reino de Deus agora.

4. Modelo de Ministério Integral

Como já vimos, a teologia da missão integral destaca a prática de um ministério integral que possui uma atuação de evangelização e ação social. Esta estratégia de missão é muito oportuna para a América Latina hoje e a igreja é chamada a vivenciar este ministério.

A idéia de ministério integral tem raízes bíblicas profundas. Tanto no Antigo como no Novo Testamento a Bíblia ordena à igreja que ministre à pessoa como um todo. Isto quer dizer que se deve atender tanto às necessidades físicas como às espirituais, que estão inseparavelmente relacionadas, ainda que sejam separadas em termos funcionais. Vemos esta idéia nas três formas comuns de ministério no Antigo Testamento: as funções de juiz, profeta e sacerdote.⁷³

Quando falamos sobre a igreja, não a associamos com uma instituição ou um templo, ou ainda somente ao pastor ou missionário, mas à comunidade. Ou seja, todos são chamados a servir como Cristo nos evangelhos, servindo a Deus através do serviço aos outros. Ele anunciou e ensinou o Reino de Deus, curou, libertou, resgatou as pessoas, alimentou os famintos e lavou os pés dos outros. Agora somos chamados a seguir os seus passos, imitá-lo e

⁷² STOTT, John W. R. *Ouçã o Espírito, Ouçã o mundo: como ser um cristão contemporâneo*, p. 281

⁷³ YAMAMORI, Tetsunao & PADILLA, C. René & RAKE, Gregorio. *Servindo com os Pobres na América Latina* : Modelos de Ministério Integral. p. 15.

até aperfeiçoar os ideais de serviço que Ele iniciou. Jesus Cristo deve ser o nosso modelo; temos que dedicar nossas vidas ao serviço como Ele fez; nós somos os seus servos, como Ele foi servo do Senhor.

Mas que forma nosso serviço deveria ter? Eu quero defender um conceito muito mais amplo e completo de serviço cristão do que é costumeiro entre nós. Tanto *serviço* quanto *ministério* traduzem a mesma palavra grega, *diakonia*. É fato que, especialmente quando se antepõe o artigo definido, muitas vezes se pensa em *ministério* como algo limitado ao clero ordenado. Mas o ministério cristão é praticado na mesma proporção por leigos quanto por pastores, na sociedade secular assim como na igreja. Na verdade esta é uma palavra que inclui todo tipo de serviço prestado por alguém em nome de Cristo.⁷⁴

Para servir é importante entender que, em resposta a diferentes necessidades, existem diferentes formas de ministério, já que amamos e servimos integralmente (corpo e alma) o próximo, se preocupando com o bem estar total do ser humano, ou seja, o físico, o religioso e o sócio-político. Somos chamados a nos preocupar tanto com o bem-estar eterno da pessoa quanto com o bem-estar material.

Não há e nunca houve necessidade de questionar qual dos dois é o mais importante, se evangelismo ou responsabilidade social. Esse debate só expressa um dualismo entre corpo e alma, entre este mundo e o próximo, que não encontra respaldo na Bíblia. Somos chamados tanto a testemunhar como a servir – as duas coisas são parte integrante de nosso ministério e missão como cristãos.⁷⁵

De acordo com a vocação e o dom de cada servo, também existem diferentes ministérios. Cada pessoa contribui para o ministério de alguma forma, se engajando em e encorajando alguma atividade, em diferentes esferas de ministério, conforme Deus nos coloca, seja no nosso lar, local de trabalho, local de estudo, vizinhança, igreja local e comunidade. As pessoas são capacitadas por Deus e chamadas por Ele a se especializarem conforme a vocação e oportunidade, manifestando um ministério cristão que signifique pessoas inteiras servindo pessoas inteiras no mundo inteiro. Desta forma, somos chamados a praticar um ministério integral em nossas vidas, sendo:⁷⁶

Um ministério integral em nosso lar – “Existem tantos fatores na cultura ocidental moderna que contribuem para a desintegração das famílias (principalmente o divórcio e o

⁷⁴ STOTT, John. *Firmados na Fé*. Trad. Marcos Davi S. Steuernagel e Silêda S. Steuernagel. Curitiba: Encontro, 2004. 248 p. - p. 214.

⁷⁵ Id., *Ibid.*, p. 215.

⁷⁶ Sobre esse assunto, cf STOTT, John. *Firmados na Fé*. p. 216-227.

abuso infantil) que se faz necessária uma ação positiva para mantê-los unidos.”⁷⁷ A ação cristã deve ser de impedir que estes fatores e a ideologia capitalista contribuam para a desintegração da família, não permitindo que a televisão seja problema para as atividades familiares, como os passeios, os esportes, os jogos, o teatro, a música e a leitura, praticar o amor e o carinho da família mesmo com membros que estão longe, se comunicando com cartas, telefonemas e visitas, sempre orando para cada membro da família e testemunhando para aqueles que ainda não são cristãos, esperando uma oportunidade de anunciar Cristo com naturalidade e humildade.

Se alguns membros da família forem cristãos e outros não, nem precisa dizer que eles devem compartilhar Cristo com estes – não pregando sermões, mas orando fielmente por eles e vivendo uma vida abnegada e coerente enquanto esperam por uma oportunidade de lhes falar de Cristo com humildade e naturalidade.⁷⁸

Um ministério integral em nosso trabalho – vivendo um testemunho cristão como filosofia de vida, independente da questão evangelística, seja qual for a função ou cargo, trabalho manual ou mental, qualquer profissão, na indústria ou comércio, assim como as donas-de-casas e mães de família. O trabalho e as tarefas devem ser encarados pelos cristãos como uma forma de cooperar com Deus, transformando o mundo que Ele nos submeteu para cuidarmos com zelo e amor, defendendo a vida e estabelecendo o Reino de Deus. A prática do evangelho deve permanecer na vida do cristão de forma integral. Seu emprego e carreira dependerão do talento, temperamento, da educação e capacitação que recebe. Porém, o testemunho cristão dependerá de nossa prática, nosso dia a dia, dando tudo de si com a maior satisfação e realização para a nossa vida e para o serviço de Deus, manifestando a vontade de Deus e seu Reino no mundo.

O lugar certo para começar é em Gênesis 1, onde vemos Deus como um trabalhador atencioso, criativo, diligente e responsável. Depois de criar o mundo, ele continuou supervisionando, sustentando e renovando-o. Então, ao criar os seres humanos à sua própria imagem, ele os fez igualmente trabalhadores criativos. Lembrar que ao trabalhar estamos sendo como Deus acrescenta honra e dignidade ao nosso labor. O nosso trabalho ganha mais importância ainda porque nos permite beneficiar os outros, tanto porque ao ganhar nosso salário podemos sustentar nossa família e ajudar os

⁷⁷ STOTT, John. *Firmados na Fé*, p. 217

⁷⁸ Id., *Ibid.*, p. 217.

necessitados, quanto porque o produto de nosso trabalho contribui para o bem comum.⁷⁹

Um ministério integral em nossa igreja – como cristãos, devemos participar do serviço ao mundo (como igreja) de forma integral, ou seja, aproveitar a vocação, a capacitação, a educação, a experiência e o dom de cada membro para possibilitar a manifestação do Reino de Deus na terra. Na igreja, existem vários trabalhos que podem ser realizados, desde limpar a igreja ou arrumar as flores como dirigir grupos, departamentos e ministérios. Todos eles de igual modo, são vitais para o desenvolvimento da igreja. Portanto, precisamos encarar o ministério integral aberto para todos, sem distinção entre clero e leigo, mas como servos de Deus que buscam em comum a manifestação do Reino de Deus. Claro que cada um possui sua função e serviço que deve ser desempenhado com amor, porém a igreja deve possuir uma estrutura que leve em consideração os dons, a vocação e a capacitação dos membros para o serviço nos departamentos, grupos ou ministérios da igreja, desenvolvendo uma liderança com leigos e clérigos, formando uma comunidade que caminha com seu pastor, aconselhando, ensinando, pregando e desenvolvendo o ministério pastoral na comunidade, sendo referência da presença de Deus na sociedade, servindo, amando e possibilitando o resgate e salvação de forma integral para o ser humano.

Um ministério integral em nossa vizinhança – como igreja ou como membros individuais da igreja, precisamos participar da sociedade, precisamos ser sal e luz do mundo, devemos deixar que a luz de Cristo brilhe em nós, através de nossas palavras e atos, impregnando na sociedade, ou melhor, na vizinhança, os valores e os padrões do Reino de Deus, impedindo assim sua deterioração. Como igreja local, devemos anunciar as boas novas de salvação e participar de modo construtivo na vida da comunidade local, a vizinhança do bairro e cidade, anunciando, visitando, organizando eventos, prestando serviços sociais, profissionalizantes e recreativos, participando na vida e no desenvolvimento da comunidade, implementando os valores cristãos como testemunho vivo de Cristo na comunidade. Como membros individuais, devemos participar dos governos locais, dos serviços voluntários da comunidade, diretórios de escolas, associação de moradores, organizações cívicas, centros de atendimento e auxílio a desempregados, albergues, asilos, hospitais, instituições para moradores de rua, menores infratores ou adolescentes grávidas, prisões, grupos ambientais e outros, bem como ajudar nas necessidades físicas, materiais e espirituais da vizi-

⁷⁹ Id., Ibid., p. 218.

nhança mais próxima, das famílias, orando, anunciando a Cristo e amando o próximo, aproveitando cada oportunidade para ser o testemunho da presença viva de Cristo na vizinhança.

Mas por que Jesus mandou seus seguidores para o mundo? O motivo que ele deu no Sermão do Monte é que ele quer que nós sejamos sal e luz (Mateus 5.13-16). As duas metáforas indicam que os cristãos devem permear a sociedade não cristã assim como o sal penetra na carne e a luz brilha no meio á escuridão. Os dois implicam que ele espera que nós influenciemos e mudemos a sociedade, da mesma maneira que o sal inibe a decomposição bacteriana e a luz reduz e até mesmo bane a escuridão.⁸⁰

Um ministério integral no mundo – devemos ser cidadãos cristãos do mundo, se comprometendo com a missão mundial e se preocupando com as questões mundiais, ou seja, devemos anunciar a Cristo como Senhor e Salvador, manifestando o Reino de Deus, testemunhando a Cristo no mundo, se preocupando com a paz, a justiça e o meio ambiente, com estudo, atuação e manifestação do amor e justiça de Deus nas questões da fome, dos sem-teto, da desigualdade econômica, da ecologia, dos conflitos raciais ou direitos humanos, bem como da santidade da vida humana. São vários problemas que, mesmo com nosso tempo e energia limitados, somos chamados para manifestar o Reino de Deus, através da participação nos inúmeros ministérios, grupos ou departamentos que se formam para trabalhar nestas áreas, informados e envolvidos, vivendo em um ministério integral que manifeste os valores e padrões do Reino de Deus, sendo um corpo bem ajustado em que a cabeça é Cristo Jesus Senhor e Salvador do mundo.

O ministério integral na igreja precisa de uma estratégia que leve em conta as necessidades, problemas, oportunidades, receptividade e recursos disponíveis de acordo com cada contexto em que se estabelece.

No Novo Testamento, Jesus determina a natureza e o estilo de seu ministério de acordo com os fatores do contexto. Quando ministra a membros da classe alta, como os saduceus, fariseus, professores da lei e escribas, ele se concentra especialmente na pregação e em discursos teológicos. Por outro lado, quando ele se encontra em meio a multidão, ele não só prega e ensina, mas também cura e dá de comer. Em alguns contextos, seu ministério principal é curar. Em cada caso, os tipos de necessidade da sua audiência são os fatores que determinam a ênfase do seu ministério. Quando ele envia os doze a uma missão de pregação e cura, descrita em Mateus 10, ele os

⁸⁰ STOTT, John. *Firmados na Fé*, p. 217

instrui quanto a como atuar, dependendo da receptividade das pessoas.⁸¹

O modelo de ministério integral não está ligado às estruturas eclesiais, administrativas e organizacionais de uma denominação, igreja, comunidade ou movimento cristão, mas sim a um estilo de vida cristã que busca encarar a missão de maneira integral como Jesus Cristo encarou, uma missão integral que anuncia o Reino de Deus e sua justiça, entre a fé e as boas obras, entre as necessidades espirituais, materiais e físicas, entre a dimensão social e pessoal do evangelho, estabelecendo o Reino de Deus, agora. Com este ministério integral, temos casos de igrejas que estão escrevendo uma nova história a cada dia, mudando a vida e o serviço do povo evangélico latino-americano. As igrejas, sejam elas divididas em departamentos, ministérios, associações, grupos e células, trabalhando com instituições de assistência, com ensino bíblico, com cultos e grupos familiares, com discipulado em células, com ação social, auxílio à comunidade carente, recuperação de dependentes químicos e co-dependentes, trabalho com moradores de rua, e muitos outros trabalhos evangélicos e sociais, podem ter uma vivência de ministério integral em sua missão de anunciar a Salvação em Cristo Jesus, independente se é uma igreja histórica, pentecostal ou neo-pentecostal.

O modelo de ministério integral, que tem Jesus Cristo como modelo, não reduz o evangelho a uma mensagem para o indivíduo e para vida privada, mas valoriza o evangelho como uma mensagem para a sociedade e para a vida pública, manifestando, em Jesus Cristo, a cura, libertação, transformação e salvação pessoal e social para a humanidade.

5. Crescimento Integral

A igreja na América Latina possui o desafio de manter o crescimento numérico de sua membresia sem perder de vista a profundidade do discipulado. Vivemos hoje um crescimento estrondoso de igrejas evangélicas. O problema é que hoje existem pessoas que mostram este crescimento com um triunfalismo que só celebra números, mas a grande pergunta é se este crescimento numérico tem transformado a sociedade, manifestando o Reino de Deus, formando discípulos de Cristo. Como vimos no início deste capítulo, a sociedade secularizada e capitalista tem buscado cada vez mais respostas para suas necessidades. Vimos também no capítulo 2 que a ideologia consumista e imediatista que destrói a vida humana está

⁸¹ YAMAMORI, Tetsunao; RAKE, Gregório; PADILLA, C. René. *Servindo com os Pobres na América Latina: modelos de ministério integral*, p. 22.

impregnada na vida da sociedade, influenciando ações e pensamentos, impedindo que os valores de Cristo sejam manifestos na sociedade através das igrejas.

Neste crescimento numérico de evangélicos, nem sempre conseguimos ver os valores e padrões de Cristo na sociedade, mas sim, temos visto os valores e padrões desta sociedade secularizada crescendo, transformando a igreja evangélica numa grande empresa que busca aumentar sua produção, para o crescimento de seu poderio no mercado eclesiástico altamente competitivo. As igrejas devem crescer, mas deve ser um crescimento que evidencie a presença do amor de Deus Pai, o exemplo de Jesus Cristo o Filho, e a vida do Espírito Santo consolador, manifestando o Reino de Deus e sua justiça. Temos hoje um crescimento da igreja que é fato, Glória a Deus por isso, porém nossa preocupação deve estar em não ser um crescimento superficial, mas um crescimento com profundidade do discipulado de Cristo.

Eu fico pensando que temos dentro de nós uma situação de igual imaturidade em relação aos religiosos descritos por Jesus porque, de um lado, ninguém jamais deveria ficar triste pelo fato da igreja estar crescendo, porque a Igreja está no mundo para crescer. Eu e você devemos saudar este crescimento porque isso é obra do Espírito santo. Entretanto, nenhum de nós deveria cair no triunfalismo que só celebra números, sem ficar profunda e pastoralmente preocupado com a necessidade de que esse crescimento não seja superficial, mas se traduza em profundidade de alma, de compromisso e de conteúdo de tal maneira, que nós não tenhamos apenas uma maioria evangélica um dia, mas, sim, uma maioria que mude a história do Brasil.⁸²

A igreja evangélica precisa crescer, e crescer com discípulos e discípulas comprometidos com o propósito de Deus e com sua missão de forma integral, um evangelismo pessoal e social, que manifeste uma espiritualidade carismática na unção do Espírito Santo, que possua conversão real, transformação de vida, mudança de caráter, com cura e libertação pessoal e social, espiritual e material, contemplando a vida do ser humano de forma integral, ou seja, em todos os seus aspectos. Não existe uma fórmula específica para o crescimento integral, mesmo porque não existe um modelo de missão perfeita que possua uma correlação absoluta entre todas as qualidades e dimensões do crescimento integral da igreja, ou seja, todo modelo pode ser aperfeiçoado e reavaliado, sempre buscando o estabelecimento do Reino de Deus de forma integral.

⁸² D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Igreja Crescimento Integral*. Niteroi – R.J.: Vinde Comunicações, S/D, p. 78.

Uma das características da missão integral é a liberdade de começar o trabalho em cada situação, não seguindo fórmulas preestabelecidas, mas de acordo com a direção do Espírito de Deus. O melhor apoio teológico para esta liberdade é a convicção de que o reino de Deus abarca a totalidade da realidade, não há nada nesta que seja alheio ao propósito redentor de Deus. As necessidades materiais ou econômicas, físicas, psicológicas, sócio-políticas e espirituais do povo são todas campo de ação de Deus; elas representam esferas da vida humana onde Deus convoca as pessoas, a nível individual e comunitário, a submeter-se a ele e experimentar seu poder transformador.⁸³

O propósito de buscar um crescimento integral no projeto redentor de Deus, podemos observar alguns aspectos dimensionais que podem nos direcionar para um modelo de missão que cresça integralmente. Entre eles, estão:⁸⁴

A dimensão numérica – a igreja apresenta um crescimento integral quando toda necessidade humana serve como oportunidade para o anúncio da mensagem do evangelho na vida das pessoas e grupos, independente do que vem primeiro, a evangelização ou o serviço. A justificativa dos projetos de serviços deriva do Amor de Deus, cumprindo com vários objetivos do anúncio das boas novas de Jesus Cristo. A vida dos mensageiros do evangelho não se separa da mensagem anunciada. Os próprios líderes da igreja estão comprometidos com a evangelização e o serviço no ministério integral. O ministério integral favorece a ampla participação dos leigos, evitando que a igreja se torne uma seita religiosa.

A dimensão orgânica – a igreja apresenta um crescimento integral quando existe um estímulo no aproveitamento dos recursos humanos e econômicos por parte do ministério integral, que se ajusta às situações locais. O desenvolvimento da liderança local surge das bases com o incentivo do ministério integral. Existe a participação dos cristãos e de outras pessoas nos problemas e nas lutas, bem como nas aspirações e esperanças do povo. O ministério integral fornece uma base econômica à igreja para a realização de seu ministério. O ministério integral é capacitado pelas entidades paraeclesiais que encontram sua razão de ser, na medida em que favorecem o crescimento orgânico da igreja.

A dimensão conceitual – a igreja apresenta um crescimento integral quando forma os líderes eclesiais através do ministério integral, com uma visão ampla da vida e missão da

⁸³ YAMAMORI, Tetsunao; RAKE, Gregório; PADILLA, C. René. *Servindo com os Pobres na América Latina: modelos de ministério integral*, p. 34.

⁸⁴ Sobre esse assunto, cf YAMAMORI, Tetsunao; RAKE, Gregório; PADILLA, C. René. *Servindo com os Pobres na América Latina: modelos de ministério integral*, p. 32-47.

igreja. O ministério integral, através das necessidades dos pobres e marginalizados, favorece a oportunidade de ensinar a igreja local, de forma teórica e prática, a respeito do plano de Deus para a criação e a humanidade, e ainda sobre o lugar da igreja em relação a este plano. O ministério integral fornece as condições apropriadas para que a conversão a Jesus Cristo seja uma conversão ao Reino de Deus e sua justiça, reorientando a vida do ser humano em sua totalidade para o propósito de Deus, não sendo somente entendida como uma experiência religiosa.

A dimensão diaconal – a igreja apresenta um crescimento integral quando as oportunidades de serviço surgem de cada necessidade humana. A igreja possui os recursos necessários para servir a sua própria comunidade e o serviço fornece o contexto apropriado para o anúncio do evangelho de Jesus Cristo. O ministério integral, a partir do Evangelho do Reino de Deus, forma um todo com outros aspectos do ministério, liberando a igreja para ajudar as entidades seculares na promoção do bem comum, manifestando o testemunho cristão e ampliando sua esfera de ação.

Estas dimensões apresentadas nos direcionam para um crescimento integral, que vem da qualidade da espiritualidade, da encarnação e da fidelidade da igreja para com o propósito de Deus de estabelecer em Cristo Jesus o Reino de Deus e sua justiça. Para isso, a igreja precisa de uma espiritualidade que manifeste a presença do Espírito Santo trazendo um real avivamento para igreja em seu ministério integral, ou seja, é necessário acreditar no poder da Unção do Espírito Santo na vida da igreja. Uma coisa é falar uma mensagem bonita, outra coisa é pregar uma mensagem ungida, com vidas se rendendo aos pés do Senhor Jesus, sendo curadas, libertas, transformadas, restauradas e salvas por Ele. Uma coisa é ajudar um necessitado, outra coisa servir na unção do Espírito Santo, amando e servindo como Jesus, se preocupando com a vida humana, chorando com os que choram e se alegrando com os que se alegram.

Acredite na realidade diferenciadora da unção. Acredite que uma coisa é pregar um sermão bonitinho, outra coisa é pregar um sermão ungido; uma coisa é falar do evangelho, outra coisa é anunciar o Evangelho no poder do Espírito Santo. A diferença é brutal!⁸⁵

A igreja precisa anunciar o evangelho vivo, com todo o seu carisma, não um evangelismo verbal, mas uma mensagem que, além de pregada e proclamada, também possua sinais que confirmem esta palavra. A mensagem e o mensageiro devem ter o carisma que o

⁸⁵ D' ARAUJO FILHO, Caio Fábio. *Igreja Crescimento Integral*, p. 99.

evangelho possui. O ensino também deve ser acompanhado do carisma, favorecendo uma experiência comunitária que concilie o estudo, a palavra, a lógica, a ministração e também a profecia, o coração, a emoção e o lado místico, abrindo espaço tanto para a reflexão, o pensamento e a teologia, quanto para o coração e a emoção na vida das pessoas e na igreja.

Desta forma, a igreja, que busca um crescimento integral, não separa a evangelização em pregação da palavra e serviço, mas trabalha ambos de forma inseparável, manifestando a presença e a unção do Espírito Santo, com o carisma do evangelho. Uma igreja que possui uma visão holística do ser humano, se encarnando no mundo, amando como Jesus amou, servindo como Jesus serviu, sentindo o que Jesus sentia, vivendo como Jesus viveu, para que vidas se convertam e sejam transformadas por Deus, discipulando na prática de Jesus. O crescimento numérico faz parte deste crescimento integral, pois, como vemos no livro de Atos dos Apóstolos, a igreja de cento e vinte passa para três mil pessoas, manifestando a vontade de Deus, e o chamado de Jesus, em Mateus 28.19-20, “Ide, portanto, fazei discípulos por todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado...”

Somos chamados para ser uma igreja viva que cresce integralmente, conforme o modelo de Cristo Jesus, amando e servindo, em teoria e prática, defendendo a vida e a criação de Deus em todos os seus aspectos, manifestando o Reino de Deus, aqui e agora.

CONCLUSÃO

Vivemos hoje uma realidade alarmante em vista da atual situação religiosa, sócio-econômica e política de nosso continente. O aumento dos indicadores da macroeconomia, apresentados pela economia neoliberal, é acompanhado pelo o aumento angustiante da distância entre ricos e pobres, gerando desigualdade social marcada pela injustiça, exclusão, exploração e descaso para com as necessidades de sobrevivência dos pobres e marginalizados.

Nossa sociedade está contaminada pelo imediatismo e consumismo desenfreado. que busca o lucro e a vantagem acima de tudo e de todos. A exploração dos bens naturais sem qualquer preocupação com o futuro tem, destruído a criação de Deus, comprometendo a vida humana e a natureza. Nossa política é marcada pela corrupção, pela lavagem de dinheiro e pelo descaso para com a população.

Os meios de comunicações têm sido uma arma fortíssima para influenciar e propagar o sistema globalizado em que vivemos, com uma ideologia imediatista que forma um pensamento de que tudo deve ser para agora, de que, a cada dia, temos que ter produtos da moda. As pessoas devem comprar a novidade que surge no mercado hoje para mostrar um status que não existe. Todos estes fatores formam um pensamento de que não importam os meios, e sim os fins, ou seja, a forte concorrência leva as pessoas a agirem sem se preocuparem uma com as outras e com a vida.

Vivemos hoje, através destas influências, numa sociedade insensível que não possui tempo para nada. Os objetos são mais importantes do que os seres humanos, fazendo assim pouco caso para as questões sociais, mesmo porque não há tempo para se importar com o

problema dos outros. Os relacionamentos são descartáveis; as palavras amor, amizade, fraternidade e comunhão estão em desuso, em extinção nesta sociedade globalizada.

É diante deste desafio que se encontra a igreja de Cristo, algumas com teologias pentecostais, neopentecostais, reformadoras, ortodoxas, tradicionais, etc. Porém, suas doutrinas e práticas permanecem fechadas em si mesmas. A maioria tem um contato com a sociedade em um âmbito assistencialista de ação social; outras preferem ficar somente com a pregação do evangelho; outras ainda preferem viver no âmbito da espiritualidade sem contato com o mundo; temos aquelas que pregam o imediatismo eo consumismo cristianizado e temos também aquelas que são extremamente sociais e políticas, deixando de lado a espiritualidade religiosa. Contudo, não queremos entrar no mérito da prática e das teologias destas igrejas, mas destacar que existe uma variedade enorme de práticas teológicas e missionárias na vida das igrejas evangélicas da América Latina que precisam enxergar os desafios que a realidade apresenta para a igreja, e assim, buscar meios de anunciar um evangelho que faça diferença na vida pessoal e na sociedade, manifestando o Reino de Deus e sua justiça.

A igreja precisa acordar para a realidade. Não podemos pensar que viver o evangelho é somente ter a doutrina certa, cantar boas e animadas músicas nos cultos, com os olhos fechados e mãos levantadas e ter algum envolvimento com os trabalhos das igrejas. O sistema globalizado tem moldado, através da mídia e cultura, nossa leitura da realidade. Porém como cristãos, somos chamados a deixar que a Bíblia, como Palavra de Deus, nos revele as doutrinas certas, moldando nossa cosmovisão, a forma como vemos e interpretamos a realidade.

Se, como evangélicos, cremos que Jesus é o Filho de Deus encarnado, precisamos viver nossa humanidade no exemplo de Cristo, sua compaixão, misericórdia, bondade e amor. Se nós somos verdadeiros adoradores, devemos não somente cantar inspirados no domingo, mas viver agradando e obedecendo a Cristo todos os dias. Se nós cremos na ressurreição e na vida eterna, não devemos ser tão materialistas e consumistas, mas menos apegados às coisas deste mundo, manifestando o reino de Deus e sua justiça. Precisamos, como igreja, ser discípulos e imitadores de Cristo, integrando as verdades bíblicas e a vida de forma que o testemunho de Cristo seja poderosamente afirmado nos atos de misericórdia, compaixão, serviço e proclamação. Devemos viver uma espiritualidade evangélica, encarnada, vivida no poder do Espírito Santo, que revele Jesus Cristo como Senhor e Salvador em nossas palavras e atos, sendo testemunha viva de Cristo.

Na busca por uma teologia que não fique somente no âmbito social e político com ponto fraco na espiritualidade religiosa; também não ficar em um âmbito de espiritualidade religiosa sem ter qualquer contato com a vida social; nem ainda uma teologia que possui um âmbito materialista, consumista e imediatista; e muito menos ficar no âmbito de que nada esta acontecendo e que o importante é minha vida está salva. Nesta busca, é que ocorre a pesquisa apresentada que destaca uma proposta de integralidade da missão, encarando a missão com uma teologia que não faz distinção e nem separação, de evangelismo e ação social, mas sim pratica uma missão integral, que testemunha Cristo Jesus como Senhor e Salvador, manifestando o Reino de Deus e sua justiça em atos e palavras, ou seja, em ação social e evangelismo.

A pesquisa trouxe uma perspectiva diferenciada do entendimento antropológico e salvífico do ser humano, uma cristologia de missão marcada pelo exemplo de Cristo e uma eclesiologia que analisa o contexto atual, definindo uma prática comunitária compromissada com o evangelho na vida em sociedade.

A monografia apresentou uma visão teológica que possui o objetivo de possibilitar abertura para o aprofundamento de estudo, já que destacou uma perspectiva entre outras existentes na teologia evangelical. Outro objetivo, foi também possibilitar a reflexão da prática teológica na vida da igreja, com uma visão holística e encarnada no contexto da sociedade, testemunhando o amor de Cristo Jesus na libertação, cura, transformação e salvação do ser humano na vida pessoal e social.

Nestes termos, a monografia não quis trazer nenhuma teologia e prática mirabolante que solucionasse todos os problemas do ser humano e da sociedade, mesmo por que a pesquisa é inicial e apresentou de forma sucinta uma visão panorâmica da missão integral, que merece um aprofundamento que forneça condições de análises, comparações, críticas e avaliações, teóricas e práticas desta teologia para a sociedade.

Contudo, o objetivo inicial deste trabalho foi evidenciar uma proposta que enfrente os desafios de nossa realidade latino-americana, claro que levando em consideração que a prática de encarnação deve ser constante, e isto traz novos desafios e horizontes, bem como o testemunho de Cristo a partir da realidade em que vivemos. Porém, é importante destacar que como igreja de Cristo, precisamos mudar nossas práticas, e viver o testemunho de Jesus Cristo. Paulo nos faz um convite corajoso “Sede meus imitadores como eu sou de Cristo” (1Co 11.1), é um testemunho de vida e ministério integrados com a vida e ministério de

Cristo, nos tornando sábios para a salvação, e não somente para um discurso correto. Somos chamados para sermos imitadores de Cristo, e não apenas ter convicção corretas sobre ele.

Como imitadores de Cristo, precisamos ter uma vida de testemunho, com uma espiritualidade que encontre nos evangelhos, na pessoa de Cristo e na presença do Reino de Deus sua forma e conteúdo, com uma teologia que é vivenciada na prática da comunidade, sendo representante de Jesus Cristo no mundo, manifestando o Reino de Deus agora, na esperança da volta de Cristo.

REFERÊNCIAS

- D' ARAUJO FILHO, Caio Fabio. *A Igreja fora do portão*. 2ª edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1995
- D' ARAUJO FILHO, Caio F. *Elias esta nas Rua*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1990.
- D' ARAUJO FILHO, Caio F.. *Igreja Crescimento Integral*. Rio de Janeiro: Vinde Comunicações, S/D,
- D' ARAUJO FILHO, Caio Fabio. *Igreja: Comunidade do Carisma*. Vol. 4. Niterói – Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Vinde e Editora Sepal, 1989. 59 p.
- D' ARAUJO FILHO, Caio Fabio. *Igreja: Evangelização, Serviço e Transformação Histórica* Vol. 1. Niterói: Editora Vinde e Editora Sepal, 1987.
- ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: História, Estratégia e Teologia de Missões*. Trad. Hans Udo Fuchs. Viçosa: Editora Ultimato, 1997
- LONGUINE NETO, Luiz. *O Novo Rosto da Missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo Latino Americano*. Viçosa: Ultimato, 2002. 304p.
- PADILLA, René. *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: FTL-B e Temática Publicações, 1992. 209p.
- PADILLA, René. *A Evangelização e o Mundo: A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*. São Paulo e Belo Horizonte: ABU Editora e Visão Mundial, 1982.

- QUEIROS, Carlos. *Ser é o bastante: felicidade à luz do sermão do monte*. Curitiba: Encontro Publicações, 2006. 232p.
- RAMOS, Ariovaldo. *Nossa Igreja Brasileira: uma opinião sobre a história recente*. São Paulo: Hagnos, 2002. 115p.
- SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: Ensaio sobre a Trindade e a Espiritualidade Cristã*. Curitiba: Encontro, 1999. 216p.
- STEUERNAGEL, Valdir Raul. *A Missão da Igreja: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro mil*. Organizado por Valdir Raul Steuernagel. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994. 411p.
- STEUERNAGEL, Valdir Raul. *A Serviço do Reino: um compêndio sobre a missão integral da igreja*. Editado por Valdir Raul Steuernagel. Belo Horizonte: Missão Editora, 1992. 312p.
- STEUERNAGEL, Valdir Raul. *Obediência Missionária e Prática Histórica: em busca de modelos*. São Paulo: ABU Editora, 1993. 198p.
- STOTT, Jonh R. W. *A verdade do evangelho: Um Apelo a Unidade*. Trad Marcell e Silêda S. Steuernagel. Curitiba – PR: Encontro; São Paulo: EBU editora, 2000.
- STOTT, Jonh R. W. *A Mensagem do Sermão do Monte: Contracultura Cristã*. Trad. Yolanda M. Krievin. 3ª ed. São Paulo: ABU Editora, 2001. 235p.
- STOTT, Jonh R. W. *Crer é também Pensar*. Trad Milton A. Andrade. 7ª Ed. São Paulo: EBU editora, 1997.
- STOTT, Jonh R. W. *Cristianismo Equilibrado*. Trad Lourenço Vieira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1982.
- STOTT, Jonh R. W.. *Cristianismo Básico*. Trad. Flávia Brasil Esteves. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.
- STOTT, John. *Firmados na Fé*. Trad. Marcos Davi S. Steuernagel e Silêda S. Steuernagel. Curitiba: Encontro, 2004. 248 p. - p. 214.
- STOTT, Jonh R. W. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo: Como ser um Cristão Contemporâneo*. Trad. Silêda Silva Steuernagel. 2ª Ed. São Paulo: EBU Editora, 1998. 478p.

STOTT, Jonh R. W. *O Perfil do Pregador*. Trad. Glauber Meyer Pinto Ribeiro. 4^a ed. São Paulo: Editora Sepal, 2000. 166p.

YAMAMORI, Tetsunao & PADILLA, C. René & RAKE, Gregorio. *Servindo com os Pobres: Modelos de Ministério Integral*. Tradução: Hans Udo Fuchs. Curitiba - Londrina: Editora Descoberta, 1998.152p.